

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Faculdade de Letras**

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

Valesca Andrade Rennó

Ciência e Modernidade na obra de Augusto dos Anjos

Belo Horizonte

2023

Valesca Andrade Rennó

Ciência e Modernidade na obra de Augusto dos Anjos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada  
Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius de Freitas

Belo Horizonte

2023

Rennó, Valesca Andrade.  
A599.Yr-c      Ciência e Modernidade na obra de Augusto dos Anjos  
[manuscrito] / Valesca Andrade Rennó. – 2019.  
1 recurso online (88 f. : il., color.) : pdf.  
Orientador: Marcus Vinícius de Freitas.  
Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.  
Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 81-88.  
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Anjos, Augusto dos, 1884-1914. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Poesia brasileira – História e crítica – Teses. 3. Modernismo (Literatura) – Teses. 4. Ciência na literatura – Teses. I. Freitas, Marcus Vinícius de, 1959-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.13



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *Ciência e Modernidade na obra de Augusto dos Anjos*, de autoria da Mestranda VALESCA ANDRADE RENNÓ, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

**Área de Concentração:** Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Mestrado

**Linha de Pesquisa:** Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Marcus Vinicius de Freitas - FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dr. Georg Otte - FALE/UFMG

Prof. Dr. Eduardo Horta Nassif Veras - UFTM

Belo Horizonte, 5 de maio de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Georg Otte, Professor do Magistério Superior**, em 08/05/2023, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Horta Nassif Veras, Usuário Externo**, em 08/05/2023, às 14:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Vinicius de Freitas, Professor do Magistério Superior**, em 08/05/2023, às 15:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes, Coordenador(a)**, em 09/05/2023, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2274458** e o código CRC **069067B0**.

À minha avó Íris Rocha Strutz Rennóe meus gatos,  
companheiros de longa data, Benedito e José Inácio.

## AGRADECIMENTOS

A idealização deste trabalho, bem como a realização dele, contou com a presença de muitas pessoas amadas e queridas que sempre me incentivaram durante o percurso.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mãe e ao meu pai, pessoas que, dentro das suas condições, forneceram-me o suporte necessário antes de entrar na graduação e trilhar o meu próprio caminho. Ao meu pai, pessoa humilde, amável e que esteve do meu lado no hospital em um dos momentos mais desafiadores da minha vida, dedico esta conquista. Obrigada, pai, por não ter soltado a minha mão.

À minha mãe, obrigada pelo carinho manifestado em forma de muito cuidado e preocupação.

Agradeço também à minha irmã, Ludmila Rennó, pela grande contribuição, emprestando-me o seu conhecimento sobre técnica e normatização para a organização desta pesquisa.

Em especial, agradeço aos meus amigos, que eu considero mesmo irmãos: Mariana Raabe, Letícia de Cássia, Daiane Marchezi e Flávia Megda Garcia, Nayara Caixeta, Gabriel de Assis Pinheiro, Marcela Caldeira Rosa, Lucas Lameira e Júlia Lopes. Vocês engrandeceram meus dias e me encheram de alegrias e boas risadas.

Dou relevância às minhas queridas Bruna Cohen e Dulcirley de Jesus. Vocês me inspiram, pela humildade, pela inteligência, pela maturidade e competência. Com vocês eu aprendi a aperfeiçoar a escrita, a valorizar meu desempenho e a acreditar no meu trabalho. Tive um apoio moral, emocional incomparável a quaisquer outros que tive durante o mestrado. Meus eternos agradecimentos pelo amor genuíno e gratuito.

Agradeço também ao Programa de Pós- Graduação pelo amparo e atenção, e aos professores convidados para a minha defesa que foram escolhidos com afinco, Georg Otte, Marcos Rogério Cordeiro e Aline de Magalhães Pinto, não apenas pela afinidade com o meu tema, mas pela fortuna crítica que possuem e que contribuíram com o meu aprendizado na graduação e durante o mestrado.

E, por último, não menos importante, ao meu orientador, Marcus Vinícius de Freitas, pela paciência e respeito ao meu aprendizado. Sou uma grande admiradora do seu trajeto profissional e da sua pessoa, desde a graduação, e agora pude contar com o seu apoio na realização da dissertação. Obrigada pela competência e dedicação!

O que existe por todos os séculos além é a poesia, espiritualidade das coisas, e o poeta, intérprete dessa espiritualidade, por via, obra e graça de maior poder sensorial que os demais humanos. E tanto é poeta o que parte do real para se mergulhar no ideal, como o que desce do ideal para sentir o real. Nesta ascensão ou nesta descensão, cada um tem o seu colorido, a sua música, a sua forma, sua personalidade tocada de luz.

Orris Soares

## RESUMO

Entre críticos e leitores, Augusto dos Anjos é um poeta que ainda causa incômodo pelas características do seu vocabulário, dotado de conceitos científico-filosóficos- traço principal que ilustra a modernidade presente em sua obra. A nosso ver, o tratamento de sua composição, que dialoga com outras estéticas, perpassando o parnasianismo, simbolismo e até expressionismo, já ilustra o desejo do poeta em compor uma poesia, acima de tudo, nova. Esse desejo se consolida à medida que o autor, através das teorias científicas em voga no século XIX, e da incorporação da crítica social, no período republicano, se coloca como testemunho das contradições que permearam o processo de urbanização das capitais. A recusa ou receio de muitos críticos em colocar Augusto dos Anjos na condição de moderno foi o que impulsionou a condução desta pesquisa. Dessa forma, visando contribuir para a ancoragem do poeta na modernidade, um longo percurso historiográfico sobre os caminhos que levam à modernização e como isso contribuiu para uma assimilação negativa do poeta é o nosso foco principal.

**Palavras-chave:** Augusto dos Anjos; Modernidade; Ciência; Modernismo; Literatura Brasileira



## **ABSTRACT**

Among critics and readers, Augusto dos Anjos continues to be a poet who causes discomfort due to the characteristics of a scientific vocabulary, endowed with philosophical concepts. This is one of the main traits that illustrate the modernity present in the author's work. In our view, the treatment of his composition, which dialogues with other aesthetics, in its first phase, passing through Parnassianism, Symbolism and even Expressionism, already illustrates the poet's desire to compose poetry, above all, new. This desire is consolidated as the author, through mastery of technique, science and the incorporation of social criticism, in the second and third phases, stands as a witness of a society that - in an improvised and contradictory way - in the end from the 19th century to the beginning of the 20th, yearned for the progress of the nation. The refusal or fear of many critics to place the poet in the modern condition was what impelled the conduction of this research. Aiming to contribute to anchoring the poet in modernity, a long historiographic journey on the paths that lead to modernization and how this contributed to a negative assimilation of the poet is our main focus.

**Keywords:** Augusto dos Anjos; Modernity; Science; Modernism; Brazilian literature.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Foto de formatura de Augusto dos Anjos (Coleção do autor). .....	12
Figura 2: Lição de Anatomia do Dr. Tulp. Rembrandt. Óleo sobre tela, 1632 .....	22
Figura 3: O Grito. Edvard Munch. Têmpera sobre papelão, 1910. ....	24

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1. UMA TENTATIVA INFRUTÍFERA DE CLASSIFICAÇÃO .....	15
1.2 Em busca da inovação poética: entre simbolistas e parnasianos .....	16
1.3 Augusto dos Anjos e o expressionismo alemão .....	21
1.4 Do não lugar a algum lugar .....	25
2. NEM DERROTADO, NEM VENCEDOR .....	28
2.1 A Segunda Revolução Industrial .....	29
2.2 A família Prado e a oligarquia dos cafeicultores .....	31
2.3 Rio de Janeiro: a vitrine moderna e a Reforma Pereira Passos .....	37
2.4 As reformas educacionais de Benjamin Constant .....	40
2.5 A Filosofia no Brasil .....	42
2.6 A Regeneração das Cidades e a “Degeneração” dos mestiços .....	45
3 A LINGUAGEM CIENTÍFICA: UMA MARCA DA MODERNIDADE .....	56
3.1 Filósofo: um sujeito moderno .....	57
3.2 Moderno, modernidade e modernismo .....	62
3.3 Modernidade em decadência e a narrativa urbanizada na obra de Augusto dos Anjos .....	65
CONCLUSÃO .....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	82

## INTRODUÇÃO

Nascido em 1884, e finado em 1914, Augusto dos Anjos viveu entre as consequências da Proclamação da República e da mudança do centro econômico brasileiro. Ele experienciou essas transformações de forma densa, dada a sua origem de uma família tradicional, cuja prosperidade foi minada pelo processo modernizante, desencadeado no Brasil do Século XX. Além de sua poesia, deixou apenas alguns escritos como cartas, artigos e crônicas breves,<sup>1</sup> nos quais revela muito pouco sobre suas impressões em relação à época, cabendo, então, à tarefa de alguns estudiosos desvelarem sua poesia. Após uma série de estudos sobre o autor, alguns deles que serão elencados neste trabalho, podemos afirmar, com toda certeza, que essa realidade o influenciou, não apenas porque a visão de mundo dos indivíduos é indissociável de seu contexto sociocultural, mas também porque há na obra de Augusto dos Anjos um diálogo com a intelectualidade do final do XIX e do início do XX, quando os cientistas multiplicavam as suas descobertas sobre aspectos da natureza e do homem para os quais, nos séculos anteriores, a história e a filosofia nos forneceram explicações pouco válidas.<sup>2</sup>

Com a chegada do positivismo de Comte, o transformismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer e o intelectualismo de Taine e Renan também vieram a se disseminar no Brasil, sobretudo na Escola do Recife,<sup>3</sup> onde, em 1907, Augusto dos Anjos se graduou em Direito. Resultante das filosofias positivistas, evolucionistas e materialistas, esse agrupamento heterogêneo de produções literárias, jornalísticas e sociológicas manifestou-se esteticamente na modernidade que se constituiu, em partes, através do discurso científico.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Augusto Dos Anjos, Irani Medeiros. **Cartas e Crônicas de Augusto Dos Anjos**. João Pessoa, Paraíba, Brasil, A União, 2002.

<sup>2</sup> ADORNO, Theodor; HORKHEIMER. O conceito de iluminismo. In: **Textos Escolhidos**. Col. Os Pensadores. Tradução de Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova cultural, 1996.

<sup>3</sup> A Escola do Recife foi um movimento sociocultural que nasceu e floresceu nas dependências da Faculdade de Direito do Recife, tendo como líder o sergipano Tobias Barreto. É válido ressaltar que ela tinha várias preocupações desde a poesia, a política, mas a filosofia é que se constituiu no elemento unificador. Tem suas raízes na filosofia evolucionista, com bases em Spencer, que já afirmara a questão evolucionista antes mesmo do próprio Darwin. Ver: TORRES, João Camilo de Oliveira. **O positivismo no Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018, p. 43.

<sup>4</sup> “Em Recife dominou o positivismo liberal dos juristas, não por ser norte mas por existir escola de direito.” Ver: TORRES, João Camilo de Oliveira. **O positivismo no Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018, p. 171.

**Figura 1: Foto de formatura de Augusto dos Anjos. (Coleção do autor)**



Fonte: Domínio Público.

Apesar de ter sido classificado, controversamente, por muitos teóricos e historiadores, como um poeta Simbolista, é inegável que o tateamento e a busca por uma identidade o torna um poeta que não só apresenta a nova poesia, mas faz parte dela. A modernidade apresentada na obra de Augusto dos Anjos é fruto de uma consciência social que aparece não só através do discurso científico, da presença de elementos da contemporaneidade, mas que passeia por toda a plasticidade material absorvidas de um contexto em que a técnica se fazia presente na explicação de toda a humanidade.

Para Ferreira Gullar, Augusto dos Anjos não só questiona a própria realidade que o cerca, como seus feitos políticos e culturais através da ciência, além de questionar a própria literatura. Questionar a literatura, nas palavras de Gullar, é “abandonar os esquemas, reencontrar a experiência viva e palpitante do real, fonte da obra de arte. Sem esse questionamento, não há criação literária.”<sup>5</sup> Questionar a literatura implica ter consciência do seu instrumento transformador da realidade. Augusto dos Anjos, que vai exprimir essas experiências, irá amoldá-la aos esquemas científicos usuais da época e forjará o seu próprio modo de expressar. Como a nova linguagem poética é produto de uma nova geração, entender que a situação social, o qual, no plano ideológico, se faz através do desvelamento da sociedade e do homem em uma realidade dissonante, nos possibilitará ver que Augusto dos Anjos é um dos poetas mais intrigantes na história da

<sup>5</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 28.

literatura brasileira e, porque não, moderno. Assim como cita Gullar, “jamais antes dele, na poesia brasileira, a indagação do real se fizera em tal nível de urgência existencial e de expressão poética.”<sup>6</sup>

Construindo um formato que nos possibilite explorar a interpretação poética de Augusto dos Anjos, devido ao seu complexo e homogêneo processo de criação poética, utilizaremos a divisão proposta por Ferreira Gullar, em seu ensaio *Vida e morte nordestina* (1978), em que a obra poética do poeta paraibano se divide em 3 fases, incorporando elementos de outras escolas: “a primeira que vai de 1901 a 1905, a segunda que vai de 1905 a 1910 e a terceira que vai de 1910 a 1914.”<sup>7</sup> Gullar ressalta que essa divisão não pode ser usada como parâmetro rígido de análise, mas ajuda a ter uma organização dos aspectos a serem estudados, sobretudo, na materialidade da composição de Augusto dos Anjos.

A divisão geral deste trabalho tem como particular importância tratar as diversas tentativas de classificação dadas ao poeta, muitas vezes injusta, mas que, proposital ou não, contribuíram para levar o Augusto dos Anjos ao lugar comum da poesia moderna. Por outro lado, o recorte historiográfico foi delineado para podermos compreender a realidade e de que forma o poeta absorveu as mudanças de sua época para que pudesse manifestar, através da literatura, o descontentamento com as contradições da modernidade. E, por fim, a modernidade que se apresenta através do discurso científico – ora utilizado como ferramenta estética – ora utilizado como desmistificador da realidade. Mostraremos como a crítica literária brasileira demorou a compreender qual era a particularidade da obra do escritor e seu devido valor.

A primeira etapa deste trabalho é ver a ideia de pré-modernidade como um problema a ser tratado - movimento em que Augusto dos Anjos foi colocado e permanece ainda em muitas críticas literárias. A sua linguagem, que é o seu ponto forte, ainda é vista como algo que desequilibra a sua poética e que prejudicava a sua justa definição. Uma mudança neste percurso acontecerá somente no final da década de 1940, a partir do estudo de Álvaro Lins, *Augusto dos Anjos: poeta moderno*. Lins considera que na obra Eu há uma mistura entre beleza e vulgaridade – e que este é o traço imponente da sua singularidade.<sup>8</sup> Após esse pequeno ensaio, os estudos de Anatol

---

<sup>6</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

<sup>7</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

<sup>8</sup> LINS, Alvaro. Augusto dos Anjos: um poeta moderno e vivo. In: \_\_\_\_\_. **Os mortos de sobrecasaca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p.119-123.

Rosenfeld, quase trinta anos depois, voltará a tocar no problema com mais densidade. Essa tendência marca os estudos que aproximam a obra do autor ao dos expressionistas alemães e, por fim, Ferreira Gullar, este embarcando com um pouco mais de profundidade sobre a lírica moderna presente em Augusto dos Anjos, mas sem explorar com muita profundidade a linguagem prosaica e suas particularidades, por exemplo. Gullar enfoca o caráter bibliográfico do autor e as confluências do período histórico o qual Augusto fazia parte.

Em segundo plano, um longo percurso historiográfico serviu de base para explicar os desdobramentos que as contradições da modernidade geraram com a exclusão classista, as teorias raciais e o processo de modernização das capitais que mais excluiu do que agregou a população suburbana que deveria estar nos planos de uma nova consciência política de igualdade. Baseando-me no contexto da Segunda Revolução Industrial, na Oligarquia dos cafeicultores e nas teorias poligenistas que germinaram naquele período, o fluxo do progresso será desvelado por Augusto dos Anjos, num esforço de colocar a linguagem a serviço do testemunho fatídico do processo modernizante.

Por fim, como desdobramento dessa discussão, o último estágio do estudo consistirá em demonstrar que a particular linguagem do poeta paraibano serviu durante muito tempo apenas para que a tradição crítica estabelecesse a comparação de suas realizações com a de outros autores cujas obras buscaram uma dicção semelhante. Alex Alvez Fogal, em seu trabalho *O eu de Augusto dos Anjos: a ciência, a filosofia e o prosaico como elementos da fatura estética* (2016), sintetiza isso ao dizer que veremos em Augusto dos Anjos, “o processo criativo desenvolvido que parece ter se ajustado melhor aos caminhos da tradição da lírica moderna”.<sup>9</sup> E o que é mais marcante: fez isso sem perder sua especificidade.

A proposta deste trabalho é justamente compreender de que maneira Augusto dos Anjos teria absorvido todas as questões da modernidade, sem me fechar em uma análise apenas historiográfica da questão, mas de algum modo me servindo dela, com intuito de analisar como os vocábulos extraídos do conhecimento científico presentes na obra do eu-lírico, torna-se inseparável da sua experiência e do seu processo criativo ao absorver a modernidade.

---

<sup>9</sup> FOGAL, Alex Alves. **O Eu de Augusto dos Anjos: a ciência, a filosofia e o prosaico como elementos da fatura estética** / Alex Alves Fogal. 2016, p. 22.

## 1. UMA TENTATIVA INFRUTÍFERA DE CLASSIFICAÇÃO

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,  
 Abranda as rochas rígidas, torna água  
 Todo o fogo telúrico profundo  
 E reduz, sem que, entanto, a desintegre,  
 Á condição de uma planície alegre,  
 A aspereza orográfica do mundo!<sup>10</sup>

Augusto dos Anjos nos atrai pela grande problemática de sua filiação estética. Ainda que seja um tema já explorado anteriormente pela crítica, por ele ser um autor de notáveis possibilidades de releitura, ainda nos resta um incômodo pela abertura multifacetada de compreensões, que contribui para que o poeta ainda permanecesse sem um lugar definido e justo na literatura brasileira. Com mais de 45 reedições, podemos afirmar, no entanto, que *Eu* (1912) é uma obra que chama a atenção a partir de elementos que extrapolam ao que já era esperado pela crítica e dá rumo a uma estética única, autêntica e, acima de tudo, moderna.

Após o início da pesquisa bibliográfica, notamos que as relações da poesia de Augusto dos Anjos já haviam sido bastante exploradas pela crítica. Andrade Murici, por exemplo, em seu *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* (1987), concorda com a análise proposta por Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1922), na qual defendia ser Augusto um poeta Simbolista. Murici não hesitou por Augusto nessa condição, e comparou a poética de Augusto dos Anjos com Cruz e Sousa, além de fazer uma análise social e literária do momento em que o poeta começava a personalizar sua inspiração.<sup>11</sup> Já as características parnasianas de Augusto dos Anjos foram notadas por Nelson Werneck Sodré, em *História da Literatura brasileira: seus fundamentos econômicos* (1979) quando Sodré faz uma análise do rigor estético adotado pelo modelo sonetista na última fase de Augusto dos Anjos.<sup>12</sup>

Augusto dos Anjos também teve sua poesia comparada ao movimento expressionista, com o recorte do crítico Eduardo Portella, em seu ensaio *Augusto dos Anjos, a saga de um poeta* (1994).<sup>13</sup> Para Portella, o poeta não só inventou uma variante expressionista, usando uma forma fragmentada e contrastada, como também questiona

<sup>10</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 53.

<sup>11</sup> MURICI, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. v. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.

<sup>12</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. Seus Fundamentos Econômicos. São Paulo: Edições Cultura Brasileira S/A, 1979.

<sup>13</sup> PORTELLA, Eduardo. Um poeta da confluência. In: MELO FILHO, Murilo (org). **Augusto dos Anjos: a saga de um poeta**. Rio de Janeiro: Ed. Graf. Brasileira, 1994.



se Augusto dos Anjos “*manipulao material*” para expressar sua verdade interior.

Márcia Peter Sabino, em sua obra *Augusto dos Anjos e a poesia científica* (2006), problematiza a questão do Pré-modernismo como um movimento de grande vácuo na literatura brasileira, e percorre a análise do autor José Paulo Paes, que “considerou a existência de uma estética própria dessa fase: o estilo da *Belle Époque* – na condição de *literatura-esgar*, influenciada pela morbidez e decadentismo”,<sup>14</sup> colocando Augusto dos Anjos neste movimento. Como o período da Belle Époque foi uma incógnita dentro da nossa literatura, pois teve como principal característica o ecletismo e um otimismo agressivo, certamente, toda a obra de Augusto dos Anjos, inserida entre os anos de 1900 e 1914, teria sua originalidade contestada por muito teóricos.

Fazendo análise comparativa de todas essas variantes estéticas, percebemos que a poesia de Augusto dos Anjos foi deixando de ser vista apenas como um objeto, nos moldes da arte pela arte, “e se constituiu como uma manifestação que se rende no esforço de interpretar o mundo, sendo este o universo coletivo dos homens”, como aponta José Guilherme Merquior, em *A astúcia da mímese: ensaios sobre lírica*.<sup>15</sup> Esta abertura ao social implica pensar a poesia como crítica da sociedade, uma vez que a linguagem técnica de Augusto dos Anjos desmistificou a realidade no plano literário, passando não apenas pelo conteúdo, mas também adquirindo plasticidade em sua expressão.

O grande salto a ser dado neste primeiro capítulo é mostrar como a formalidade da poesia de Augusto dos Anjos expressa um subjetivismo inovador, que o põem adiante de seu tempo. Porém, para que possamos comprovar de que maneira o poeta não só dialoga com a modernidade, mas faz parte dela, é necessário percorrer algumas teorias que tentaram dar uma definição a ele. Assim, mostraremos que esse tateamento estético que, de fato, aparece na obra de Augusto dos Anjos é, na verdade, um dos primeiros traços da modernidade, apresentando-se num processo vanguardista e inovador.

## 1.2 Em busca da inovação poética: entre simbolistas e parnasianos

Em *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, em seu capítulo “Sincretismo e

---

<sup>14</sup> SABINO, Márcia Peters. **Augusto dos Anjos e a poesia científica**. (Dissertação) Mestrado em Letras - Estudos Literários. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). 2006, p. 8.

<sup>15</sup> MERQUIOR, José Guilherme. **A astúcia da mímese: ensaios sobre lírica**. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1972.

transição: o Neoparnasianismo”,<sup>16</sup> o autor disserta sobre a última geração do século XIX que, tomada pelas influências do Parnasianismo e no Simbolismo de Cruz e Sousa, encontrou a dificuldade de se desvencilhar. Para Coutinho, Augusto dos Anjos aparece nas figuras independentes, já que o tema científico ao tempo dos parnasianos havia interessado alguns poetas que vieram encontrar nele o seu grande precursor. Para Coutinho, Augusto dos Anjos apresenta um vocabulário técnico e científico, que incorpora a temática do macabro, mas absorvendo a filosofia materialista. Dessa forma, o poeta mesclou tudo isso e, assim, produziu uma poesia em que a afeição formou por muito tempo um problema ao enquadramento nesta ou naquela tendência estética.

Muitos críticos também afirmaram ser Augusto dos Anjos um poeta simbolista, sobretudo, pela musicalidade presente em alguns poemas. É o caso de Andrade Murici, em seu *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* (1987). Murici, tomando como base a comparação da poética de Augusto dos Anjos com Cruz e Sousa, além de uma análise social e literária do momento em que o poeta começava a personalizar sua inspiração, disse que não haveria outro lugar para o poeta, se não o Simbolismo. O crítico, assim, defende que:

A originalidade de todos os elementos expressionais nunca foi encontrada em nenhum poeta. Augusto dos Anjos veio confirmar, com a forte originalidade que afirmou, a legitimidade do Simbolismo entre nós, e a sua fecundidade verdadeira, que não era nem tirania, nem abafamento, a esterilização num formalismo esgotado, mas o impulso de vida, gerações afora.<sup>17</sup>

O que justifica essa tentativa de enquadramento de Augusto dos Anjos na estética simbolista é que, logo na primeira fase, demarcada por Gullar (1979), que compreende o período de 1900 a 1906, as características principais do Simbolismo como a realidade subjetiva e figuras de linguagens sonoras se manifestavam de forma expressiva e muitas vezes imprecisa.

Para analisarmos esse percurso estético, recorremos a dois poemas: o 1º, *Vandalismo* (1904), para demonstrar como Augusto dos Anjos utiliza de aliterações e ritmos, além de um vocabulário religioso – temática muito comum aos poetas simbolistas, e o 2º poema, *Pallida Luna* (1902), para mostrarmos como o apego ao enquadramento formal esteve também muito ligado aos parâmetros parnasianos pela organização do estilo sonetista francês. É na primeira fase que também notamos os primeiros traços do

---

<sup>16</sup> COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. T. 4. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969, p. 215-217.

<sup>17</sup> MURICI, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. t. 2. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952, p.208.

verso conciso e a tendência ao prosaico, em que Augusto dos Anjos já forjava o instrumento de sua expressão poética.

Meu coração tem catedrais imensas,  
Templos de priscas e longíquas datas,  
Onde um nune de amor, em serenatas,  
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas  
Vertem lustrais irradiações intensas,  
Cintilações de lâmpadas suspensas,  
E as ametistas e os florões e as pratas.<sup>18</sup>

Quando fazemos uma análise dos recursos linguísticos empregados por Augusto dos Anjos no poema *Vandalismo*, podemos ver, logo na primeira estrofe, que há uma clara influência do período simbolista pelo uso recorrente de aliterações e assonâncias. Isso explica a seleção de Gullar do poema para exemplificar essa incorporação do Simbolismo pelo poeta na primeira fase. Nas duas estrofes, além do uso da métrica e a rima de forma riorosa, há a repetição dos fonemas /m/, /n/, /t/ e /d/, além da presença de aliteração em /s/. Já a assonância aparece na constância da vogal /e/. A seleção do vocabulário religioso (catedrais, templos, aleluia, templários) é outra influência advinda do movimento simbolista.

Como os velhos Templários medievais  
Entrei um dia nessas catedrais  
E nesses templos e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,  
No desespero dos iconoclastas  
Quebrei a Imagem dos meus próprios sonhos!

Nos dois tercetos do poema, em uma análise conteudista, o vandalismo é representado pelo “desespero dos iconoclastas”, é o momento em que o eu-lírico quebra a imagem dos seus próprios sonhos. Também há a angústia existencial, herdada dos simbolistas, que dará espaço nas outras fases para o surgimento do conteúdo fatídico, uma das marcas principais de Augusto dos Anjos. Na última estrofe, encontramos uma metáfora entre os sentimentos do eu poético e os desejos humanos e carnis conjugados com o sublime, uma vez que Augusto dos Anjos se rende ao desejo humano e à sua autoridade dominadora, representada pela figura do cavaleiro Templário. Por fim, o conteúdo do poema já demonstra uma clara tentativa do poeta de romper como irreal.

---

<sup>18</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Outro crítico a relacionar a obra de Augusto dos Anjos com o Simbolismo foi Horácio de Almeida, em seu ensaio *Augusto dos Anjos, um tema para debate* (1970), em que o crítico sinaliza as suavidades místicas do poeta ou estados da alma à musicalidade das rimas. Segundo Almeida, no Simbolismo é para onde mais pende Augusto dos Anjos, que “procurou dar orquestração às palavras, num movimento de interpenetração entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo”.<sup>19</sup> Manuel Bandeira, em *Apresentação da poesia brasileira*, publicado em 1946, também viu em Augusto os Anjos um retorno a Cruz e Sousa, na “inadaptabilidade ao cotidiano”, na neurose “do infinito”, no hábito “de encher o verso com dois multissílabos, como quebrando o quadro do metro para lhe dar maior ressonância.”<sup>20</sup>

Dos parnasianos, Augusto dos Anjos absorveu o apego formal, o rigor estético, o objetivismo e o racionalismo. No poema *Pallida Luna*, por exemplo, escrito em 1902, o soneto de Augusto dos Anjos se apropria do estilo francês (ABBA/BAAB/CCD/EED), como se pode ver pela organização das rimas:

És do Passado! Vieste d'alvorada (A)  
N'asa dos elfos pela Morte espalma...(B)  
Cantas... e eu ouço esta berceuse calma(B)  
Da harpa dos mundos ideais do Nada(A)

Ergue o Missal brilhante de tu'alma (B),  
Mas nessa elevação mistificada(A),  
Vem, que eu te espero, Deusa constelada(A)  
Desce, anêmona êxul que o Céu ensalma!(B)

Venhas e desças, Lua dos Martírios,(C)  
Desças, mas venhas pela unção dos lírio(C)  
Visão de Ocaso de anluaradas comas,(D)

Vaso de Unção descido dos espaços,(E)  
Para ungirmos nós dois, os nossos paços,(E)  
Na tule idealizada dos aromas.(D)<sup>21</sup>

A apresentação do poema demonstra um claro desejo pelo enquadramento formal, mas que logo desencadeia uma plasticidade que, ainda assim, não pode ser contida apenas no estilo parnasiano. A presença do vocabulário simbolista também marca a tentativa do poeta na busca pela expressão autêntica de sua época (Missal, harpa, berceuse e calma). O tema da transcendentalização, outra característica

<sup>19</sup> ALMEIDA, Horácio de. **Augusto dos Anjos, um tema para debate**. Rio de Janeiro: Apex Gráfica e Editora Ltda, 1970.

<sup>20</sup> BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946, p. 125.

<sup>21</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 154.

simbolista, também é notável logo no início, mas cede espaço para o plano irreal que vai para o real, uma vez que o lirismo contido na matéria aparece logo na primeira estrofe, e toda a construção do poema sugere a decadência da elevação. A Deusa constelada na segunda estrofe do poema é clamada a descer para o plano real para se encontrar com o poeta. Essa relação que foi construída entre Augusto dos Anjos simbolistas e/ou parnasianos resultou na abertura de outras releituras mais apuradas de alguns críticos que julgaram a obra do poeta a uma estética de confluências.

Lúcia Helena, em seu livro *Cosmoagonia de Augusto dos Anjos* (1984), por exemplo, defende que as várias estéticas incorporadas na obra do autor é o seu modo de captar a realidade, apreendida pela experiência do poeta. Para Lúcia Helena, a presença do decadentismo aparece na obra de Augusto dos Anjos no culto do horroroso. Para a autora, há a presença do naturalismo-parnasianismo, no plano da realidade e no comparecimento de personagens extraídas das camadas menos favorecidas da sociedade. Já a presença do simbolismo se encontra no aspecto intensamente auditivo e musical, “na inclinação cabalística e orientalista de muitos dos preferidos símbolos de Augusto dos Anjos, como a numerologia e a constata referêcia ao budismo e às figuras da mitologia persa”. Assim, Lúcia Helena ressalta que:

“Eu”, publicado em 1912, tem um caráter antecipador do movimento modernista. Um diálogo com o novo tempo estético que se anuncia. Pluridimensional: veios românticos, parnasianos, simbolistas – um inusitado diálogo de confluências.<sup>22</sup>

[...]

Sabe-se então que Augusto dos Anjos possui características de todas as escolas literárias da segunda metade do século XIX e essa mescla de tendências no mesmo objeto poético torna, também, um poeta com tendências modernistas, mesmo tendo desaparecido em 1914 e tendo passado despercebido pelos modernos.<sup>23</sup>

A mesma autora também chega a citar aspectos do expressionismo encontrados na obra do poeta paraibano. Luis Augusto Fischer, em sua obra *Augusto dos Anjos: surrealista* (1994), apresenta quatro possibilidades para o autor:

Parnasiano pela opção pelo soneto, mas não pela impassibilidade; Determinista pela linguagem naturalista, mas não pela atitude filosófica; Simbolista pela “atitude filosófica dubitativa, algo mística e, até Surrealista pela “vertigem” e pelas misturas aparentemente incompatíveis.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> HELENA, Lúcia. *A Cosmoagonia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977, p. 26 e p. 42.

<sup>23</sup> HELENA, Lúcia. *A Cosmoagonia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977, p. 26 e p. 42.

<sup>24</sup> FISCHER, Luis Augusto. *Augusto dos Anjos: surrealista*. *Organon*, Porto Alegre, v. 8, n. 22, 1994, p. 208.

Essa mistura, citada por Fischer e Lúcia Helena, certo modo, levaria Augusto dos Anjos a algum lugar. As confluências, uma vez que inferem um movimento de vanguarda, propiciariam, também, aproximações do poeta ao expressionismo alemão, como desdobramento que aparece na releitura de alguns poucos críticos.

### 1.3 Augusto dos Anjos e o expressionismo alemão

José Maria Pinto de Figueiredo, em seu trabalho, *A invenção do expressionismo em Augusto dos Anjos* (2012), realizou um importante estudo dos poucos críticos que observarem os indícios do expressionismo na obra de Augusto dos Anjos, principalmente na Alemanha, no início do século XX.<sup>25</sup> Uma das análises mais densas feitas, segundo Figueiredo, foi a do crítico Eduardo Portella, em seu ensaio *Augusto dos Anjos, a saga de um poeta* (1994), que comentando a fortuna crítica de Augusto dos Anjos, organizada por Afrânio Coutinho e Sônia Brayner, afirma que:

O volume é desigual, e o predomínio de manifestações estereotipadas ou adjetivas autoriza-nos a constatar o persistente infortúnio crítico, a imensa sombra do caso Augusto dos Anjos a encobrir a noturna luminosidade do texto, cedendo ao personagem o lugar do poeta. É sabido que o poeta é poeta a partir de um horizonte. Mas ele só é poeta quando converte imaginariamente o horizonte, quando morre na vida da obra. De maneira que pouco ajudará ao entendimento do poeta Augusto dos Anjos o diagnóstico do paciente Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos. Até porque a sua doença é antes uma doença cultural, agravada pela má consciência finissecular.<sup>26</sup>

Portella, em uma breve análise do poema *Budismo Moderno*, um dos mais importantes de Augusto dos Anjos escritos em 1909, traz o recorte prosaico da poesia moderna, a noturna luminosidade do texto. Utilizando como exemplo os dois primeiros versos da primeira estrofe, o eu poético solicita a um médico uma cirurgia fatal. O primeiro verso é marcado pelo emprego inusitado da abreviatura de doutor, “Dr.”, e pelo pedido que o eu-lírico faz ao médico, já que para o senso comum o papel do médico é salvar vidas e não realizar uma cirurgia cujo resultado será fatal.

Tome, Dr., esta tesoura, e... corte  
Minha singularíssima pessoa.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> FIGUEIREDO, José Maria Pinto de. **A invenção do Expressionismo em Augusto dos Anjos**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012, p. 53.

<sup>26</sup> PORTELLA, Eduardo. Uma poética da confluência. In: MELO FILHO, Murilo (Org.). **Augusto dos Anjos: a saga de um poeta**. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1994, p. 65-66.

<sup>27</sup> ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Nesta análise, é possível comparar a imagem feita nos dois versos ao quadro mais famoso de Rembrandt, chamado “A Aula de Anatomia do Doutor Tulp”, pintada em 1632, em que mostra oito cidadãos em torno de um corpo sem vida, cujo braço já fora aberto, deixando à mostra músculos e ossos. A semelhança entre a poesia de Augusto dos Anjos e a pintura de Rembrandt está no ato em que Dr. Tulp, responsável pela dissecação do cadáver, tem, também, uma tesoura à mão.

**Figura 2: Lição de Anatomia do Dr. Tulp. Rembrandt. Óleo sobre tela, 1632.**



Fonte: WikiArt. Domínio Público.

Segundo Portella, o poeta era admirador do pintor ao ponto de citá-lo em outros poemas, como *Monólogo de uma sombra*<sup>28</sup> e *As cismas do destino*,<sup>29</sup> transformando-o em adjetivo comum. Para ele, Augusto dos Anjos inventou uma variante expressionista, buscando uma representação não categórica da realidade, mas usando uma forma fragmentada e contrastante, aproximando-se de tal forma dos expressionistas alemães. Com isso, é absolutamente plausível classificá-lo como um poeta expressionista, não apenas pela sensibilidade, mas pela ideia integralmente expressionista. Nas palavras de José Maria Pinto de Figueiredo, “utilizando o grotesco e extraindo beleza do mau gosto e da matéria em decomposição, Augusto dos Anjos registrou a vida brasileira do limiar do século XX”.<sup>30</sup>

Outro estudioso do expressionismo em Augusto dos Anjos foi Cristiano de Sales, em *A racionalização de Schopenhauer na poesia de Augusto dos Anjos* (2004), que se debruça à obra do crítico Anatol Rosenfeld, em seu ensaio *A Costela de Prata de*

<sup>28</sup> Mostrando, em rembrandtescas telas várias (“Monólogo de uma sombra”) (p. 198)

<sup>29</sup> Como uma pincelada rembrandtesca... (“As cismas do destino”) (p. 220)

<sup>30</sup> FIGUEIREDO, José Maria Pinto de. **A invenção do Expressionismo em Augusto dos Anjos**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012, p. 53.

*Augusto dos Anjos* (1969),<sup>31</sup> para traçar comparações com autores expressionistas alemães como Heym, Benn e Trakl.<sup>32</sup> Segundo Rosenfeld, o uso de termos científicos e exóticos é o que aproxima Augusto dos Anjos ao expressionismo alemão. Para Cristiano Sales “a análise proposta em *A costela de prata de Augusto dos Anjos* aplica-se à poesia e não à pintura, e os versostomados como objeto de estudo são do poeta alemão chamado Gottfried Benn”.<sup>33</sup>

Rosenfeld recorre ao trabalho de filologia em que Walter Jens estuda a linguagem de Benn, atribuindo a ela uma marca do que seria o início da literatura alemã moderna, e passa a ler os versos do poeta alemão paralelamente aos de Augusto dos Anjos, já que o que ambas têm em comum vai além da linguagem científica, mas passa pela decomposição do ser humano, evidenciada tanto numa quanto noutra obra, chegando, enfim, à sincronia em que as mesmas eram produzidas.

Era, erguido do pó,  
Inopinadamente  
Pra que à vida quente  
Da sinergia cósmica desperte,  
A ansiedade de um mundo  
Doente de ser inerte,  
Cansado de estar só! [...] <sup>34</sup>

No trecho do poema *Numa forja*, escrito em 1914, notemos que nos versos podemos não apenas afirmar nossa argumentação, mas, também, verificar outra característica do expressionismo alemão, fortemente influenciado pela filosofia da racionalização, o anseio pelo “grito”.

Acompanhando a análise de Sales, embora o “grito” não esteja explicitamente empregado nos trechos acima, há uma sensação de que algo necessita explodir, que, conforme o autor, está clamando para que “sinergia cósmica” rompa com o mundo “inerte” e “cansado”. Sem pensarmos no movimento expressionista propriamente dito, temos em “O grito, de Munch”, pintado pela primeira vez em 1893. Segundo Cristiano de Sales “Trata-se de uma bela representação do que está sendo argumentado, já que há

<sup>31</sup> ROSENFELD, Anatol. *A costela de prata de Augusto dos Anjos*. In: COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia (Org.) **Augusto dos Anjos**. Textos críticos. Brasília: MEC, INL, 1973, p. 314-318.

<sup>32</sup> Ver: DUARTE NETO, Henrique. **As cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós- Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

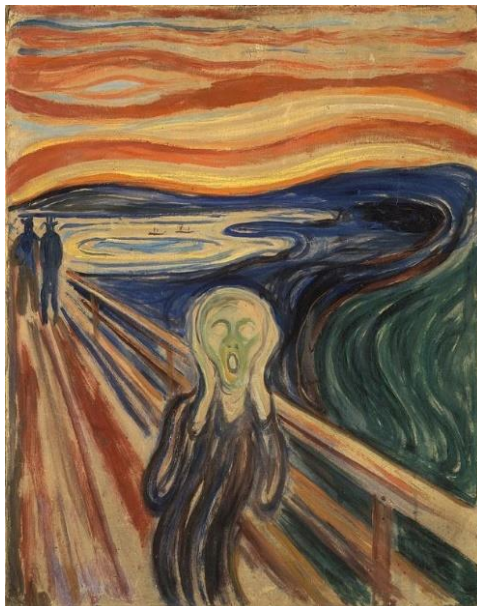
<sup>33</sup> SALES, Cristiano de. **A racionalização de Schopenhauer na poesia de Augusto dos Anjos**. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 1, 2004.

<sup>34</sup> ROSENFELD, Anatol. *A costela de prata de Augusto dos Anjos*. In: COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia (Org.) **Augusto dos Anjos**. Textos críticos. Brasília: MEC, INL, 1973, p. 314-318.



nesta tela a paradoxal fusão de um grito e uma surdez, de um som e sua ausência, de um desejo e sua não realização, enfim, de um gritar abafado.”<sup>35</sup>

**Figura 3: O Grito. Edvard Munch. Têmpera sobre papelão, 1910.**



Fonte: WikiArt. Domínio Público.

Alexei Bueno também ressalta a presença do expressionismo em Augusto dos Anjos no artigo *Origens de uma Poética* (1994). Márcia Peters Sabino, em sua obra *Augusto dos Anjos e a poesia científica*, afirma que o crítico “aludiu a um desfile expressionista de figuras à margem da sociedade nas poesias de Augusto dos Anjos e a exploração baudelairiana do feio como uma possibilidade estética, defendendo que o poeta representaria uma vertente expressionista do simbolismo”.<sup>36</sup>

Bueno ressalta:

De Poe até Baudelaire, depois através de todos os “decadentes”, de um Richepin da *Chanson des gueux* ou de um Rollinat de *Les névroses*, essa audácia da análise social dos naturalistas, alcança a poesia brasileira por meio dos nossos próprios “decadentistas”, mais uma prova da filiação simbolista do expressionismo de Augusto dos Anjos. Basta, para a compreensão disto, o exame de um poema como “Ébrios e cegos” de Cruz e Sousa, o último de *Faróis*, poesia sob todos os aspectos extraordinária, onde, de maneira pessoalíssima, o Poeta Negro atinge um expressionismo torturado, trágico, quase surrealista.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> SALES, Cristiano de. **A racionalização de Schopenhauer na poesia de Augusto dos Anjos**. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 1, 2004.

<sup>36</sup> SABINO, Márcia Peters. **Augusto dos Anjos e a poesia científica**. (Dissertação) Mestrado em Letras - Estudos Literários. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). 2006, p. 8.

<sup>37</sup> BUENO, Alexei. Augusto dos Anjos: origens de uma poética. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**.

Essa pequena seleção da fortuna crítica realizada até aqui foi de grande contribuição para que pudéssemos salientar traços proeminentes do modernismo que já se mostravam na poesia de Augusto dos Anjos e que contribuíram para o processo de dar uma justa definição ao poeta.

#### 1.4 Do não lugar a algum lugar

A ideia de “pré-modernismo”, enquanto “escola”, em que a maior parte da crítica atual sobre Augusto dos Anjos o coloca, começava a forjar um enquadramento irregular entre alguns autores. A obra *Pequena História da Literatura Brasileira* (1919), de Ronald de carvalho, em 1919, já começava a desenhar esse enquadramento. O estudo de Carvalho fornece as primeiras análises sociológicas sobre movimentos culturais e literários do Brasil, no século XIX. Logo na introdução de sua obra, o autor disserta sobre “fatores naturais e étnico-históricos”, discutindo de forma breve a formação da “nossa raça”, colocando-nos como força nova na humanidade, já vislumbrando indícios de uma intelectualidade autônoma.

No Capítulo I *A literatura no Brasil — As escolas literárias e as influências europeias*<sup>38</sup> o autor exhibe, de forma categórica, três períodos da nossa literatura brasileira, sendo o terceiro denominado “período autonômico”, quando românticos e naturalistas trouxeram para a literatura brasileira novas correntes europeias (1830 em diante). É neste percurso que se encontram os chamados românticos, naturalistas, simbolistas, parnasianistas: modernos que, embora diferentes entre si, integravam uma fase de busca por autonomia intelectual iniciada com o romantismo.

Nessa esteira, encontramos também a posição de Tristão Ataíde, que inaugura o termo pré-modernismo, finalmente, mas afirma que Augusto dos Anjos foi um poeta parnasiano decadente que convivia com a poesia simbolista. Esse mesmo convívio, que dava origem ao Modernismo hispano-americano. Ataíde coloca, nesta fase, autores que teriam antecipado o Modernismo de 1922, como Euclides da Cunha, Graça Aranha, Raul Pompeia, Lima Barreto, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos.

Reafirmando a posição de Ataíde sobre o movimento pré-modernista, Alfredo Bosi, em *A Literatura Brasileira e História Concisa da Literatura Brasileira* (1981), aponta para as escolas Pré-Modernismo e Simbolismo como inclusivas do poeta. Bosi

---

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 26-27.

<sup>38</sup> CARVALHO, Ronald de. **Pequena história da literatura brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1937.

define que se pode considerar “Pré-Modernismo”, no século XX, “Tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural.”<sup>39</sup> Augusto dos Anjos, que faz parte dessa geração de intelectuais comprometidos em questionar a realidade, encaixava-se nessa concepção restrita de Bosi.

Nesse sentido, o pré-modernismo foi usado como uma espécie de enquadramento de uma modernidade multifacetada e também por muitos críticos da literatura brasileira. Essa crítica ao pré-modernismo foi posta por Francisco Foot Hardman, em seu ensaio *Antigos Modernistas* (1992). Para o autor, no Brasil, continuava-se insistindo na ambiguidade do termo “pré-modernismo”, mas que essa denominação não se relaciona com as formas culturais híbridas e combinadas que se movimentam por aproximação e oposição (entre o polo eufórico-diurno-iluminista e o polo melancólico-noturno-romântico).<sup>40</sup> A partir dessas considerações, podemos afirmar que a literatura brasileira do final do século XIX foi ousada por dois meios principais: o antiromantismo e o academicismo, que se manifestou na determinante presença das teorias científicas na prosa e no formalismo aristocrático da poesia. E é nesse discurso estético-literário moderno que encontramos autores como Augusto dos Anjos. Esta visão de Foot Hardman nos parece aproximar a ideia de que o poeta não seria um autor de escanteio frente o Modernismo, mas seria parte dele.

A nosso ver, os passos trilhados pelo poeta paraibano foram uma resposta ao momento de estagnação pelo qual passava nossa poesia do final do Século XIX ao início do XX. A singularidade de Augusto dos Anjos, apontada pelo estudioso Antonio Candido (1975),<sup>41</sup> é uma característica sua que não passou despercebida pela maioria dos críticos. Podemos dizer, inclusive, que, mesmo entre as opiniões discordantes, o conceito de originalidade do escritor paraibano é unânime. Para se ter uma ideia da força de suas particularidades, lembremos que ele foi considerado o grande caso singular da poesia brasileira, por Drummond (1984) o mais original, o mais independente de todos os poetas mortos do Brasil:

Augusto dos Anjos foi também um marginal, não pela conduta, mas pela singularidade do seu único livro, *Eu* (1912). São poemas, na maioria sonetos, quase únicos na literatura brasileira. A sua escrita aproveita a divulgação científica que dominou o fim do século XIX e que ele elaborou num verdadeiro sistema poético, marcado pela influência de Baudelaire e do português. Antero de Quental, além da de Cruz e Sousa. [...] As suas

<sup>39</sup> BOSI, Alfredo. **História Concisa Da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970, p. 179.

<sup>40</sup> HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempos e história**. São Paulo Companhia das Letras, 1992, p. 6.

<sup>41</sup> CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

imagens são tomadas à ciência e à técnica, cravando-se na sonoridade agressiva de um verso que incorpora a ênfase retórica e o mau gosto com tamanho destemor, que a aparente vulgaridade torna-se grandiosa e a oratória sai da banalidade para gerar uma espécie de mensagem apocalíptica.<sup>42</sup>

As várias possibilidades de classificação de Augusto dos Anjos levaram muitos críticos a concluir a impossibilidade de classificação do autor, mas, essa tentativa de classificação segue, na verdade, uma tradição crítica que reduz a arte brasileira à reprodução de modelos estéticos de importação, perspectiva essa que é incapaz de compreender a natureza da poesia de Augusto dos Anjos, que está para além da mera replicação dessas estéticas. No entanto, a capacidade do poeta de absorver as diversas marcas de seu tempo e de refleti-las em sua obra, a capacidade do poeta de apreender as marcas de seu tempo é a ideia que abre margem para discutir o seu caráter moderno. A tentativa de certos críticos que buscaram enquadrar em estilos literários específicos era, na verdade, a apreensão de fenômenos ligados à época em que o autor viveu.

---

<sup>42</sup> CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes. 3 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p. 65.

## 2. NEM DERROTADO, NEM VENCEDOR

Um dia comparado com um milênio  
 Seja, pois, o teu último Evangelho...  
 É a evolução do novo para o velho  
 E do homogêneo para o heterogêneo.<sup>43</sup>

Literatura e História são campos de conhecimento que se entrecruzam para testemunhar as mudanças da nossa sociedade. Ao partirmos com Valdecir Rezende Borges, “do pressuposto de que a história como conhecimento é sempre uma representação do passado, e que toda fonte documental para produzir esse conhecimento também o é,”<sup>44</sup> interessa-nos, neste capítulo, refletir acerca da dialética que há entre as narrativas histórica e literária, revelando os discursos que respondem às indagações de Augusto dos Anjos. São narrativas que nos mostram o teor crítico do poeta sobre a realidade que nos cerca.

Na segunda fase de Augusto dos Anjos, demarcada por Ferreira Gullar, de 1906 a 1910, surgem poemas importantes, escritos no momento de transição do poeta para o Rio de Janeiro após perder o emprego de professor. No Rio, trabalhou como professor de Geografia, Cosmografia e Coreografia do Brasil, no Ginásio Nacional. Também foi professor no colégio Pedro II. Na condição de moderno, não podemos negar que o poeta absorveu não só elementos culturais que compõem a modernidade na atividade intelectual, mas todos os acontecimentos do cotidiano, toda a contradição que envolve processo de modernização do Brasil, e coloca a literatura como testemunho do fatídico rumo ao progresso.

Recorrendo a Sevcenko, em *Literatura como Missão* (1988), vimos que o historiador concede à Literatura a missão do debate para auxiliar na transformação da sociedade e defende que a Literatura “é o espaço onde ele se expõe por inteiro, visando reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e da perplexidade.”<sup>45</sup> Neste sentido, esse campo de saber aparece como ferramenta para avaliarmos tensões existentes em determinadas estruturas sociais no processo de modernização e transformação urbana que marcaram a cidade do Rio de Janeiro no período da *belle époque*. Dentre os autores que questionam, por meio de um discurso racional, fatores que causaram a exclusão de parte da população do sistema político,

<sup>43</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 15.

<sup>44</sup> BORGES, Valdecir Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**. Goiânia: Ano 1, n. 3, pp.94-109, junho/2010.

<sup>45</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 28.

encontramos Augusto dos Anjos, que, não raras vezes, trouxe, à expressão de seus poemas, questões voltadas para a realidade social brasileira, ao fazer de sua lírica um instrumento de reivindicação e combate social contra forças hegemônicas de poder presentes no processo de modernização das capitais.

A questão da modernidade, ecoada na voz do poeta, é fruto de uma consciência sobre um conjunto de transformações que viriam a alijar o direito de algumas classes sociais. Uma consciência que inibe o aprofundamento do direito à liberdade dos povos, a exploração de sua mão de obra, a saber: o embasamento unicamente no critério científico, em que a inferioridade, vista pelo viés organicista, justificaria a natureza patológica da população brasileira. Augusto dos Anjos usa de sua expressão para manifestar o descontentamento com os rumos pelos quais o país estava tomando, e coloca a poesia ao testemunho do avanço e da inclusão, prometidos pelos dirigentes do Estado, que não foram cumpridos. Rever este contexto internalizado na obra *Eu requer um percurso historiográfico a fim de compreendermos a tensão que há no processo que desencadeou a modernização*.

## 2.1 A Segunda Revolução Industrial

Em sua obra *Ordem e decadência política: Da revolução industrial à globalização da democracia* (2018), Francis Fukuyama buscou compreender de que maneira a Revolução Industrial na Europa teria refletido não apenas a organização político mundial, como também contribuído para uma absorção intelectual em grande escala, inclusive no Brasil. O autor analisa que o pensamento de alguns filósofos como John Locke, Isaac Newton e René Descartes passaram a influenciar a sociedade daquele período, e os conceitos da Idade Média começaram a ser substituídos pelo método científico baseado nas experiências e pelo raciocínio. Essas modificações de princípios criaram novos interesses pelos estudos mecânicos e pela realização de novos trabalhos, gerando um forte interesse pela indústria.<sup>46</sup>

O recorte buscado pelo filósofo, que compreende um período de 1860 a 1900, enfatiza a criação do aço, da energia elétrica e produtos químicos que definiu fortemente a era contemporânea, uma vez que o capitalismo adquiriu sua plena expressão através da industrialização e, com isso, as relações sociais atuais foram determinadas pela forma como se estrutura o trabalho e a luta pela sobrevivência. Esse processo de

---

<sup>46</sup> FUKUYAMA, Francis; MONTINGELLI, Nivaldo. **Ordem e decadência política: Da revolução industrial à globalização da democracia**. São Paulo: Rocco, 2018, p. 126.

industrialização, que submeteu os trabalhadores ao regime das fábricas, trouxe muitas transformações. Além de alterar o próprio ritmo de fabricação, conseguindo produzir mais mercadorias em menor tempo, a industrialização alterou a vida dos homens e forçou um rápido crescimento das cidades. Devido ao excesso de mão de obra, os trabalhadores acabaram tendo que se sujeitar ao regime desumano de trabalho das fábricas.

De um lado, as máquinas provocam o aumento das matérias-primas, de outro lado, o baixo preço dos produtos fabricados e o aperfeiçoamento das vias de comunicação e de transporte fornecem armas para a conquista de mercados estrangeiros. Arruinando pela concorrência, a indústria mecânica se transformou forçosamente em campo de produção das matérias-primas. De acordo com Fukuyama, “Dessa forma, a grande indústria necessita da mão de obra imigrantista e, conseqüentemente, da colonização de territórios estrangeiros que se transformaram em celeiros de matérias-primas para o Brasil.”<sup>47</sup> A mudança que a Revolução Industrial introduz no regime de trabalho escravo agrava as condições do homem, de um lado, impulsionado pelo tráfico negreiro, por outro lado, no sentido de dinamizar as fontes de produção de matérias-primas. O homem, como ele é visto, materialmente, uma engrenagem para que a superprodução funcione, logo, torna-se objeto de reflexão, e o autor reitera:

A Revolução Industrial aumentou muitíssimo o ritmo do crescimento da produtividade per capita nas sociedades que a viveram, um fenômeno que acarreta conseqüências sociais enormes. O crescimento econômico sustentado aumentou o ritmo da mudança em todas as dimensões do desenvolvimento. Entre a dinastia Han, no século II a. C., e a dinastia Qing, no século XVIII, nem o caráter básico da vida agrária chinesa nem a natureza do seu sistema político evoluíram muito; verificou-se mais mudança nos dois séculos seguintes do que nos dois milênios anteriores, e este ritmo acelerado de mudança ainda continua nos séculos seguintes do que nos dois milênios anteriores, e este ritmo acelerado de mudança ainda continua.<sup>48</sup>

Recorrendo a Lilia Schwarcz, vemos que o período da Primeira República no Brasil deu continuidade a essa industrialização, o que resultou em tensões econômicas e sociais. Neste período foram instaladas as primeiras fábricas têxteis e de materiais de construção, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. A industrialização, que carregava um coro modernizante, visava propiciar benefícios e boas condições a todas as classes na agenda progressista, mas isso ocorreu de forma complexa e irregular.

---

<sup>47</sup> FUKUYAMA, Francis; MONTINGELLI, Nivaldo. **Ordem e decadência política**: Da revolução industrial à globalização da democracia. São Paulo: Rocco, p. 40.

<sup>48</sup> FUKUYAMA, Francis; MONTINGELLI, Nivaldo. **Ordem e decadência política**: Da revolução industrial à globalização da democracia. São Paulo: Rocco, p. 40.

Schwarcz disserta que:

“O resultado disso foram os crescimentos populacionais desordenados, exportação de mão de obra livre e imigrantista, bem como o início do liberalismo econômico no Brasil, que acelerou o processo de modernização nos grandes centros das capitais e, de maneira improvisada, não agregou de forma esperada parte da população que fazia parte daquele contexto.<sup>49</sup>

Aliado a esses fatores políticos sociais, o campo intelectual no Brasil abriu-se para pensar a condição do homem, sobretudo, no começo do século XIX, período em que o progresso e a ciência ganharam espaço nas discussões intelectuais. Essa nova tradição concedeu à razão papel primordial para sua compreensão, que passa a ser suprimido por Augusto dos Anjos em grande parte das poesias que compõe a sua obra. Essa característica, que vem acompanhada da constante busca pela verdade através da ciência, atribui à modernidade uma perpétua negação de si mesma, em que o avanço da técnica do progresso entra em confronto com a natureza eminente do ser humano.

## 2.2 A família Prado e a oligarquia dos cafeicultores

Em paralelo às reformas no ensino, no Brasil, as contradições que envolvem o plano de modernização e o pensamento racional – temáticas que recaem na obra de Augusto dos Anjos, têm como ponto de partida o período que vai de 1870 a 1930, quando a monarquia perde força no Brasil após a fracassada Guerra no Paraguai, e a nação passa a ser controlada pela elite urbana fortemente ligada às oligarquias agrárias e à agricultura cafeeira. Com mostra Stephanie Macêdo, em seu artigo *Brasil comemora 133 anos de Proclamação da República*, “muitas insatisfações se agruparam nesse contexto para dar voz ao movimento republicano, que, entre planejamento urbano e improvisado, realizou um golpe que colocou fim à monarquia”.<sup>50</sup>

A agenda republicana visava à divisão e o equilíbrio entre os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, mantendo a liberdade religiosa e promovendo o direito ao voto universal, no lugar do voto apenas àqueles cidadãos que atendiam a certos critérios econômicos. Contudo, alguns vestígios do sistema imperial seguiram e foram até aprimorados na Primeira República, cabendo o destaque à característica oligárquica da

<sup>49</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade", in \_\_\_\_\_ (org.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 237.

<sup>50</sup> MAECEDO, Stephanie. **Brasil comemora 133 anos da Proclamação da República**. Agência de Notícias Alese. Sergipe, 15 nov. 2022. Disponível em: <<https://al.se.leg.br/brasil-comemora-133-anos-da-proclamacao-da-republica>> Acesso em: 08 de maio de 2023.



nação, em que as leis eleitorais mantiveram o número reduzido de eleitores e cidadãos elegíveis para os cargos públicos.<sup>51</sup> Dessa forma, houve tentativas de alteração da ordem e grande insatisfação por determinados grupos sociais excluídos do sistema vigente, uma vez que as classes dominantes, como a elite urbana e a elite agrária, ganhavam força, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro.<sup>52</sup>

Essas elites urbanas e agrárias foram fundamentais neste processo de modernização do Brasil, uma vez que, em pauta, buscavam maior autonomia em detrimento do Estado, a fim de conferir uma agenda econômica liberal. Destaco, aqui, como parte da construção da modernidade brasileira, a família Prado, citada na obra de Carlos Eduardo Ornelas Berriel, *Tietê, Tejo e Sena: a obra de Paulo Prado* (1994). Berriel, para melhor contextualizar o que foi a oligarquia dos cafeicultores, traz um estudo profundo sobre a forte influência da família Prado, importante e representativa para o ciclo do café, no Oeste paulista no período de transição entre Império e República. Em quatro gerações sucessivas – contadas a partir de Antônio Prado – os pioneiros e empreendedores da família atuaram como fazendeiros, comerciantes, exportadores, políticos e intelectuais, ocupando sempre o centro do palco.

No primeiro capítulo, *A gênese do pensamento*, o autor disserta sobre a ascensão dos Prado durante o Segundo Império (1840-1889), e como sua história particular refletiu o próprio desenvolvimento da sociedade brasileira como um todo – desenvolvimento que explica o processo heterogêneo da modernização no Estado de São Paulo até a Primeira República.<sup>53</sup> É neste período que o setor cafeicultor crescia avassaladoramente e ainda dependia do braço escravo, atingindo a igualdade com o açúcar em termos de valor e exportação, no mesmo instante em que o tráfico negreiro torna-se proibido pelas instâncias do liberalismo inglês. Um dos resultados deste evento foi a disputa pela mão de obra. A Fundação da Sociedade Promotora da Imigração, criada em 1871, surge em meio a este evento. Assim reitera Berriel:

“Martinho da Silva Prado Júnior, político e empresário, também conhecido como Martinico Prado, foi o grande responsável por essa etapa, sendo ele presidente da sociedade. Reunindo fazendeiros, esclareceu as vantagens da imigração e foi para a Itália conhecer as condições de recrutamento, o que foi fundamental para que a imigração desse certo. Ao lado dele, Paulo Prado observa e participa do empreendimento que faz atravessar

---

<sup>51</sup> Ver Luiz Antonio Tannuri, em sua obra *O Encilhamento* (1981).

<sup>52</sup> ABI-RAMIA, Jeanne. **A Guerra de Canudos**. Multi Rio. Rio de Janeiro, 31 out. 2016. Disponível em: < <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/artigos/11514-a-guerra-de-canudos>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

<sup>53</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena: A Obra de Paulo Prado**. Campinas: Editora Papirus, 2000, p. 24.

o Atlântico um povo de trabalhadores livres, de operários, comerciantes, artesãos, professores que em pouco tempo alterariam a província de São Paulo.<sup>54</sup>

O complexo cafeeiro dos Prados no Oeste paulista, bem como seu empenho em tirar a última barreira para a abolição da escravidão no país, abriu caminho para uma imigração que visava substituir não apenas a mão-de-obra escravizada pela livre, mas os trabalhadores negros pelos brancos. No entanto, a necessidade da imigração não foi harmoniosa entre os cafeicultores. Alguns tinham receios em relação a experiências frustrantes com imigrantes, enquanto outros defendiam de diversas formas o aproveitamento da mão-de-obra nacional. Para o desespero dos senhores, a abolição da escravidão desencadeou uma série de conflitos iniciais entre trabalhadores e senhores. Em meio à convulsão social, os setores mais lúcidos da classe proprietária organizam-se então para salvar a lavoura e suas próprias vidas que estavam em risco.

Outro ponto crucial dessa etapa de modernização em São Paulo foi o seu crescimento econômico. Em 1887, Paulo Prado, conhecido como mecenas da Semana da Arte Moderna de 22, participou da organização da Casa Prado Chaves e Cia., que em pouco tempo transformou-se na mais importante empresa nacional de exportação de café. Essa experiência levou à expansão dos negócios da família, junto a outras famílias, como os Pacheco Chaves,<sup>55</sup> Souza Queiroz<sup>56</sup> e Paes de Barros,<sup>57</sup> que comandavam a vida econômica dessa região. É extremamente importante ressaltar a relevância dessa fundação, gerenciada por Elias Fausto Pacheco Jordão<sup>58</sup> até 1898, como sendo um dos grandes responsáveis pelo sucesso na lucratividade e para o desenvolvimento econômico do país.<sup>59</sup> Nessa ocasião, o café já ocupava o lugar central na pauta de exportações brasileira, e que iria crescer ainda mais das décadas seguintes.

A Casa Prado Chaves representava um segmento da oligarquia cafeeira com maior prestígio político e tendo atrás de si um volume maior de produção de café. Assim, a

---

<sup>54</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena: A Obra de Paulo Prado**. Campinas: Editora Papirus, 2000, p. 108.

<sup>55</sup> Elias Antonio Pacheco e Chaves, notabilizou-se na economia de São Paulo como empresário e fazendeiro de café e, na política, filiou-se ao Partido Conservador no Império, chegando a ocupar entre outros cargos públicos o de vice-presidente da Província e de senador.

<sup>56</sup> Luís António de Sousa Queirós foi militar e proprietário de terras luso-brasileiro. Tornou-se conhecido como Brigadeiro Luís Antônio, homenageado com nome de avenida na capital paulista.

<sup>57</sup> Primeiro Barão de Piracicaba, Antônio Pais de Barros foi eleito deputado para as Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa em 1821.

<sup>58</sup> Filho de José Elias Pacheco Jordão e de Maria Marcolina. Seu pai foi deputado provincial em São Paulo. Formou-se em engenharia civil na Universidade de Cornell, em 2 de julho de 1874 (ver na cessão 2.4).

<sup>59</sup> Ver FREITAS, Marcus Vinícius de. **Contradições da modernidade: o jornal Aurora Brasileira (1873-1875)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p. 122.

empresa exportadora optou pela progressiva ocupação de intermediação comercial do seu produto. O fato é que, com o capital estrangeiro, o café mantém uma relação contraditória mais aberta, como também agressiva – o chamado setor nacionalista ou modernizante – que irá construir mecanismos de intervenção na atividade comercial que poderia levar à redução da presença imperialista nesse setor.<sup>60</sup>

Neste processo de se tornar efetivamente classe dominante, a oligarquia cafeeira, de forma gradual, construiu um programa político-econômico que, na prática, alterou o trilho da própria história do país. A forte acumulação de capital que se fazia em São Paulo propiciou a criação de novos estabelecimentos bancários. A lavoura, porém, aproveitou marginalmente desta expansão, mesmo após o substituído do trabalho escravo pelo sistema de colonato.<sup>61</sup> Aliado a isso, os agricultores do Vale do Paraíba (Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, no estado de São Paulo e Região Sul Fluminense, no estado do Rio de Janeiro), em função do declínio de produtividade de suas plantações e escassez de terra produtiva e barata na região, aliado aos entraves das condições creditícias do auxílio à lavoura, foram afetados pela queda do preço internacional do café. Com a decadência da cultura cafeeira, o Oeste Paulista assume a posição de principal produtor e passa a atrair para si os recursos destinados à produção agrária.

Como a economia de São Paulo e Rio de Janeiro girava praticamente em torno da exportação do café, certamente esses estados sofreriam com o prejuízo, uma vez que setores secundários e terciários ainda não haviam se desenvolvido. Com essa situação, os créditos passaram a ser problemáticos durante o Império, em função do processo abolicionista, sobretudo, porque não houve indenização com a abolição. Vários críticos destes auxílios, como Rui Barbosa, afirmaram que os créditos não chegaram à lavoura. Segundo Luiz Antonio Tannuri, em sua obra *O Encilhamento* (1981), “essa instabilidade política e econômica, vivenciada no final do Império, afetariam as gestões iniciais administrativas e econômicas da Primeira República”<sup>62</sup>

A cidade do Rio de Janeiro, até então, centro administrativo e econômico, seria o palco onde se desenrolariam outras tensões. Com a política enfraquecida, entre tantas desorientações e desacordos, grupos que buscavam protagonismo, como os militares, foram responsáveis por uma transição política carente de qualquer apoio das classes

<sup>60</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena: A Obra de Paulo Prado**. Campinas: Editora Papyrus, 2000, p. 109.

<sup>61</sup> MERRICK, T.; GRAHAM, D. **População e desenvolvimento do Brasil: de 1800 até a atualidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 42.

<sup>62</sup> TANNURI, Luis Antonio. **O encilhamento**. São Paulo: Hucitec, 1981, p. 45.

menos privilegiadas. De uma simples e mal organizada instituição, o exército atraiu vários jovens provenientes de classes sociais menos abastadas. Apesar da vitória em terras estrangeiras, os salários e a própria carreira dos militares não tinham relevância para a monarquia.<sup>63</sup>

Lima Barreto, em seu livro *República de Bruzundangas*, ironizando, dizia que “na República de Buruzundangas de há muito os políticos práticos tinham conseguido quase totalmente eliminar do aparelho eleitoral este elemento perturbador – o voto.”<sup>64</sup> O voto era a moeda de troca, e as relações de poder se desenvolviam a partir do município. Schwarcz, em sua obra *Sobre o Autoritarismo Brasileiro* (2015) reitera que:

Por sua vez, a estabilidade política da República estava garantida por três procedimentos principais: empenho dos governos estaduais em manter o conflito político confinado à esfera regional; reconhecimento por parte do governo federal da plena soberania dos estados no exercício da política interna; manutenção de um processo eleitoral em que, a despeito dos mecanismos políticos que tentavam controlar as disputas locais, as fraudes continuavam frequentes.<sup>65</sup>

O liberalismo, que alijou a maior parte da população da disputa política, era uma consequência de um sistema estreito, que praticamente impedia qualquer equilíbrio dentro das regras estabelecidas. Afinal, “numa política em que se regulamentava a distribuição do poder pela hierarquização, a força política de um Estado sustentava-se conforme o tamanho do eleitorado e na consequente extensão do parlamento”.<sup>66</sup>

Logo, o contraste entre o que era esperado de um conjunto de transformações positivas e a realidade daquele momento resultariam em grandes conflitos e contestações ideológicas.

Para Augusto dos Anjos, esses eram claros sinais de um colapso maior da civilização moderna que se projetou no Ocidente e da falência prematura dos sistemas políticos e aparelhos de Estado (inclusive o regime republicano brasileiro). Partes dessas tensões fizeram-se presente no trecho abaixo de *As cismas do destino* (1908), em que o poeta analisa a condição do Estado.

O Estado, a Associação, os Municípios  
Eram mortos. De todo aquele mundo  
Restava um mecanismo moribundo  
E uma teleologia sem princípios.<sup>67</sup>

<sup>63</sup> TANNURI, Luis Antonio. **O encilhamento**. São Paulo: Hucitec, 1981, p. 45.

<sup>64</sup> BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1922, p. 87.

<sup>65</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019, p. 389.

<sup>66</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019, p. 389.

<sup>67</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

A modernidade desorientada de São Paulo também aparece nas páginas de *Pauliceia Desvairada*, Mário de Andrade.<sup>68</sup> Embora o poeta paulista tenha renovado a poesia brasileira, por meio de sua linguagem antipurista, antinaturalista e repleta de neologismos,<sup>69</sup> ele encontrou como precursor, na crítica à decadência urbana no Brasil, ninguém menos que Augusto dos Anjos. É o que aponta o crítico Antonio Candido, em seu ensaio *O Poeta Itinerante*, em que comenta:

Na literatura brasileira anterior ao Modernismo há pelo menos um notável exemplo de meditação itinerante na moldura transfigurada das capitais As Cismas do Destino, de Augusto dos anjos, fala desvairada e eletrizante no decurso de um passeio noturno rumo a certa casa funerária.<sup>70</sup>

Como o processo de modernização foi um encadeamento entre cultura e política, uma vez que questões sociais foram sendo cada vez mais questionadas no período de transição, foi logo a Oligarquia do Café, sobretudo, dos Prados, quem consolidou essas duas vertentes inicialmente para fornecer, segundo Mário de Andrade (1974), chão social às ideias estéticas da Semana da arte moderna. A elite não só fez parte do processo de modernização no Brasil, abrindo fronteiras agrícolas em São Paulo para empreendedores, como sequenciou uma série de outras reformas nas estradas de ferro e na indústria, mostrando em todas essas atividades a marca de seu espírito inovador. Logo, a dinastia dos Prados estava empenhada em um projeto nacional modernizante que, nascido da atividade monocultora e exportadora, sonha com a autonomia clássica.<sup>71</sup>

A outra etapa do projeto civilizatório e moderno que vamos abordar inclui o “embelezamento” dos centros urbanos, o que fez com que as cidades representassem o cuidado com edifícios públicos, afastando a pobreza para os novos subúrbios para que, então, fossem construídas instituições representativas. Neste aspecto, cabe salientar que, entre 1903 e 1906, houve uma tentativa de europeização e aburguesamento da cultura por meio de arquitetura, ideais e costumes. A Europa, especialmente as cidades de Paris e Londres, era tida como um modelo de civilização, progresso e modernidade a ser seguido. O progresso era sinal de desenvolvimento material. Dessa forma, as mudanças na capital tiveram um caráter urbanístico, sanitário e comportamental, e a transformação da cidade

<sup>68</sup> ANDRADE, Mário de. **Paulicéia Desvairada**. São Paulo: Casa Mayença, 1922.

<sup>69</sup> Ver: BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

<sup>70</sup> CANDIDO, Antonio. O poeta itinerante. In: **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 257-278.

<sup>71</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo. **Tietê, Tejo, Sena**: a obra de Paulo Prado. Campinas: Papirus, 2000, p. 111.

se deu em um nível simbólico-espacial. Uma frase comum à época era “o Rio civiliza-se”,<sup>72</sup> que demonstra todo esse imaginário.

### 2.3 Rio de Janeiro: a vitrine moderna e a Reforma Pereira Passos

A cidade que posteriormente recebeu o título de cidade maravilhosa não passava, no final do século XIX, de uma desordem urbana. O desenvolvimento econômico, alcançado através da atividade agrário-exportadora e, posteriormente, industrial, andava em desacordo com sua estrutura física que obstruía a sua ampliação econômica. Esse antagonismo responsabilizou-se por reformas urbanas ocorridas no início do século XX.

Se, por um lado, a decadência da atividade cafeeira no Vale do Paraíba, como vista na cessão 2.1, abalou a economia do Rio de Janeiro, por outro, possibilitou a sua diversificação. O processo de desagregação dessa economia, que adquirira um caráter irreversível a partir da proibição do tráfico de escravos, em 1850, levou a uma concentração de capitais que, sem destino, passaram a ser empregadas a outros setores, principalmente ao terciário, como transportes, serviços e indústrias. Este fato desembocaria na sua industrialização ainda no século XIX. Adaptado ao sistema capitalista, o Rio de Janeiro, que antes era apenas o centro comercial, passa a ser também uma cidade industrial. Entretanto, aquilo que parecia ser a solução transformou-se em um problema.<sup>73</sup>

No começo do século XX, preocupado com os entraves econômicos que a desorganização sócio-espacial ocasionava ao país, Rodrigues Alves, ao assumir a presidência em 1902, colocaria em prática seu projeto urbanístico com o propósito de, inicialmente, melhorar o porto do Rio de Janeiro, que, sem estrutura, impedia a atracação de grandes embarcações. A limitação de seu cais e a pouca profundidade tornavam mais complicado o descarregamento das mercadorias, que precisavam ser transferidas para outras embarcações. Além disso, o espaço destinado à estocagem era muito pequeno para o volume de mercadorias que lhe era destinado.

Esse fato foi um grande impulso para uma série de formas urbanas que não só facilitariam o escoamento de mercadorias no porto, mas agregar um aspecto modernizante no centro da capital. Essa etapa de modernização tem como enfoque a

---

<sup>72</sup> AZEVEDO, A. N. (2003). **A Reforma Pereira Passos**: uma tentativa de integração urbana. Revista Rio de Janeiro, 10, p.35-63, mai/ago 2003.

<sup>73</sup> CARVALHO, Lia de Aquino. **Contribuição ao estudo das habitações populares**: Rio de Janeiro (1886-1906). Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1980, p. 14.

Reforma Pereira Passos, com a política do “bota abaixo”, como evidenciado na obra de José Murilo de Carvalho, em *Os Bestializados* (2019). Obra em que o autor deu bastante importância para os aspectos comportamentais da nação, muito em função do conceito de civilização.

Seguindo o percurso histórico traçado por Ivanescia Silva em *Desilusões do progresso: a reforma urbana do Rio de Janeiro na visão dos chargistas* (2008), as reformas iniciadas por Barata Ribeiro, demolições e as proibições da construção e reconstrução de habitação popular, seriam reforçadas durante seu governo. Segundo a autora, ao povo não foi dado nem o direito de reagir. A lei de 29 de dezembro de 1902, em seu artigo 23, deixava bem clara esta impossibilidade, conforme afirma Ivanescia Silva que “de acordo com esta lei, quando se tratasse de demolição, despejo, interdição e outras medidas, haveria apenas um recado no local no qual se estabelecia penalidades em casos de desobediência”.<sup>74</sup>

O primeiro passo foi a derrubada dos antigos casarões, cortiços e demais habitações que pudessem vir a rápida circulação das mercadorias. Estava decretado o despejo compulsório de grande parte da população que, sem ter para onde ir e nem a quem recorrer, passaria a residir em áreas desvalorizadas como os subúrbios e morros.<sup>75</sup>

A reconfiguração da área central seria começada pelo então prefeito da capital Pereira Passos. Na ânsia de fazer da cidade suja, pobre e caótica uma réplica tropical de Paris, reformada pelo Barão de Haussman, Pereira Passos visava a ligação das diversas partes da cidade, associada a uma tentativa de difundir a civilização, em virtude de o Centro ser visto como um lugar civilizador. Para isso, houve o alargamento e a abertura de ruas que ligavam o centro às zonas norte e sul, com destaque para a Avenida Beira-Mar, Avenida Central (Rio Branco), no Rio de Janeiro.<sup>76</sup> O aspecto organicista foi essencial para o bom funcionamento do todo, no entanto, conferia um caráter reformista da civilização por meio da ideia de individualidade, do respeito à lei, à ordem pública, da afinação do gosto estético e cultural.

Jeane Abi-Rama, em seu artigo *A Guerra de Canudos*, aponta que “as populações pobres eram expulsas de suas antigas moradias, que davam lugar às lojas de comércio fino, cafés à moda europeia ou teatros onde óperas famosas eram

---

<sup>74</sup> SILVA, Ivanescia André da. **Desilusões do progresso**: a reforma urbana do Rio de Janeiro na visão dos chargistas. Rio de Janeiro. Reurbanização. Imprensa escrita. Charge, 2008, p. 19.

<sup>75</sup> Ver: CARVALHO, Lia de Aquino. **Contribuição ao estudo das habitações populares**: Rio de Janeiro (1886-1906). Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1980.

<sup>76</sup> MOTTA, Marly. O Bota-Abaixo. In: **Atlas histórico do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/ CPDOC, 2016. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/pereira-passos>> Acesso em: 20 mar. 2023.

encenadas.”<sup>77</sup> Assim, segundo José Murilo de Carvalho: “o que indicava conforto para alguns significava exclusão para muitos – tidos como incompatíveis frente à infraestrutura que anunciava a realização de sonhos ilimitados.”<sup>78</sup>

O “povo bestializado”, assim definido por Carvalho como grandes propagandistas da República, encontrou nesse conjunto de reformas grande descontentamento, a exemplo de Aristides Lobo, que revelou desapontado com a maneira com a qual foi feita a transição da Monarquia para a República. O povo não foi chamado para ser o protagonista dessa transição. Além de Aristides lobo, o francês Louis Couty denominou a situação sociopolítica do Brasil como “O Brasil que não tem povo”. Ao contrário da França, onde a participação popular foi intensa, no Brasil, a República havia a exclusão da massa. Carvalho cita que:

A República, na voz de seus propagandistas mais radicais, como Silva Jardim e Lopes Trovão, era apresentada com a inclusão do povo na política, na melhor tradição da Revolução Francesa de 1789, a “revolução adorada”, como a chamava Silva Jardim. O regime monárquico, vivendo à sombra do Poder Moderador, era condenado pelo manifesto republicano de 1870 como incompatível com a soberania nacional, que só poderia ser baseada na vontade popular.<sup>79</sup>

A população do Rio era socialmente heterogênea e indisciplinada. Dividida por conflitos internos, não tinha condições de dar sustentação a um governo que tivesse de representar as forças dominantes do Brasil agrário. O modo de vida que havia se consolidado pela elite urbana e rural, seja no modo de produção cafeeira, a imigração forçada e a revitalização dos centros urbanos trouxeram consigo a criação de estratos sociais que, atraídos pelo modelo econômico liberal, viam nas estruturas urbanas a possibilidade de emancipação social.<sup>80</sup> Certamente, criava-se um abismo cada vez maior entre o povo e os administradores da República. Deste modo, parte da população manifestava um grande desejo de erradicação das forças econômicas e culturais daquela época. Sevcenko afirma que:

---

<sup>77</sup> ABI-RAMIA, Jeanne. **A Guerra de Canudos**. Multi Rio. Rio de Janeiro, 31 out. 2016. Disponível em: < <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/artigos/11514-a-guerra-de-canudos>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

<sup>78</sup> CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 17.

<sup>79</sup> CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p 12.

<sup>80</sup> SCHWARCZ, L. M. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019; SANTOS, Boaventura de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007, 19.



Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia que pudesse se opor a ela. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose (...): a condenação dos hábitos e costumes ligados à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.<sup>81</sup>

Mesmo sendo a maior cidade do país nos primeiros anos da República, com mais de 500 mil habitantes, e visto como o melhor lugar para se desenvolver a cidadania, o Rio abrigava naquele momento um grande contingente de população que vinha de todos os cantos, o que tornava a cidade perigosa de se viver. Como o sistema econômico não conseguiu acolher a todos, conflitos e furtos eram frequentes. Em síntese, podemos dizer que a expectativa inicial despertada pela República de maior participação popular foi aos poucos sendo frustrada.

Como mostra Jeane Abi-Ramia:

[...] assim, o estabelecimento da República não significou o fim dos problemas internos com os quais o país se defrontava. As inovações propostas não implicaram no diálogo entre os “diferentes Brasis” que eram, na verdade, um só. Se por um lado, a modernização era um conceito predominante, por outro prosseguiram continuidades de toda a ordem.<sup>82</sup>

Sem um planejamento que atendesse às demandas dos setores desvalidos, os sujeitos ficavam a mercê de uma vida marginalizada em espaços improvisados e precários. Se essa era a situação nas cidades, que buscavam padrões modernos, havia, por parte das autoridades republicanas, um enorme desconhecimento quanto ao restante do território e da população do Brasil.

## 2.4 As reformas educacionais de Benjamin Constant

A Reforma Benjamin Constant constitui um grande passo importante no contexto institucional na história do Brasil e merece destaque em relação ao ensino das ciências e o seu reflexo no processo modernizante. A partir da obra de Tais Delanerze, *As Reformas Educacionais de Benjamin Constant (1890-1891)*: “O projeto educacional

---

<sup>81</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.43.

<sup>82</sup> ABI-RAMIA, Jeane. **A Guerra de Canudos**. Multi Rio. Rio de Janeiro, 31 out. 2016. Disponível em:< <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/artigos/11514-a-guerra-de-canudos>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

das elites republicanas, iniciam-se a partir de uma reforma, composta de 21 decretos, que tinha como foco métodos e conteúdos de cunho liberal e elitista.” Os decretos, em grande parte, eram sobre a educação e estabelecimentos mantidos pelo governo na capital federal, dando maior importância ao ensino superior que tinha instituições de ensino em outras cidades e capitais do país. A reforma incluiu disciplinas científicas, logo o currículo do ginásio era composto por sete anos e predominava as disciplinas científicas em relação às disciplinas clássicas ou humanistas.

O ensino superior foi o que sofreu maior impacto e instituiu uma das mais fortes características do novo regime. Através do Decreto nº 1036-A, foi regulamentada a exclusão do direito eclesiástico, ou seja, as leis relativas à igreja, dos cursos de Direito de Recife e São Paulo, em virtude da separação da Igreja e do Estado. Tirar esse direito à divindade, é o que se chama de secularização.<sup>83</sup> Teixeira Mendes, ortodoxo positivo, salientou que o governo, enquanto poder, não poderia se intrometer nas questões de caráter espiritual.<sup>84</sup> Padre Arlindo Vieira foi mais forte na crítica, defendendo a restauração das humanidades clássicas.

Outro decreto importante foi o Decreto nº1232-H, dividindo o curso de Direito em três áreas: jurídicas, ciências sociais e notariado. O bacharel em Ciências Jurídicas exercia a advocacia, o bacharel em Ciências Sociais atuaria na parte diplomática, e o notariado exerceria os ofícios de justiça. Outros decretos regulamentaram os cursos de medicina e das escolas de Belas-Artes. Em Minas, criou-se o Curso de Engenharia de Minas e Engenharia Civil, e Politécnica, que criou os cursos de Engenharia Civil e Engenharia Industrial que ao final do curso, além de título de Engenheiro, o aluno seria bacharel em Ciências. Delanerze ressalta:

A reforma é lembrada também por ter estabelecido o processo educativo sob o modelo seriado e por ter ampliado o currículo das escolas brasileiras, incentivando o enciclopedismo. Inspirado pelo positivismo de Augusto Comte, Benjamin Constant se bateu pela substituição do ensino acadêmico por um conjunto mais amplo de ensinamentos, com a inclusão de disciplinas científicas, rompendo drasticamente com a tradição do currículo clássico jesuítico. A reforma, submetida ao Congresso Nacional, ficou por nove anos sujeita aos adiamentos e alterações que modificaram substancialmente o plano original.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> SANCHEZ, Sebastian M. **História da Educação no Brasil**. Campina Grande. 2007, p. 15.

<sup>84</sup> MENDES, R. T. **Benjamin Constant**: esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira. RJ: Apostolado Positivista do Brasil, nº 120. 1913.

<sup>85</sup> DELANEZE, Taís. **As reformas educacionais de Benjamin Constant (1890-1891) e Francisco Campos (1930-1932)**: o projeto educacional das elites republicanas. 2007. Tese de Doutorado. Universidade federal de São Carlos. Centro de educação e ciências humanas programa de pós-graduação em educação. São Carlos, São Paulo, p. 37.

O bacharelismo era uma prática atribuída às classes médias, que se opunham à proletarização crescente, uma vez que o bacharel poderia se ascender socialmente e, por isso, os bacharéis ocupavam os principais cargos no funcionalismo público. A reforma buscava implantar as experiências europeias e estadunidenses no Brasil e sofreu fortes consequências por isso. Benjamin reformou o ensino secundário, mas o ensino primário não foi meta prioritária, tanto que, em 1890, existiam 85,21% de analfabetos.<sup>86</sup> A distinção entre o ensino humanista e o ensino científico confirmou essa desigualdade. As ciências humanas continuariam a ser a áreas dos doutores e as ciências práticas foram atribuídas às classes emergentes, mantendo a velha distinção entre o intelectual e o operário, contudo estes estão num nível mais científico, mais refinado, mais difícil de identificar.<sup>87</sup>

É válido ressaltar que, apesar da grande importância que a Reforma propunha, Benjamin morreu sem assinar sua exoneração do breve Ministério criado em 1890 e extinto em 1891 e, por 40 anos após essa data, a educação ficou sob a responsabilidade de um departamento do Ministério da Justiça como era no império.<sup>88</sup> Certamente, seria esperado que com isso o modelo de análise racial, a mestiçagem, o povo brasileiro seria avaliado por um viés elitista, em que a raça seria vista como um processo degenerado a ser estudado e quiçá combatido.

## 2.5 A Filosofia no Brasil

De onde ela vem?!  
De que matéria bruta  
Vem essa luz que sobre as nebulosas  
Cai de incógnitas criptas misteriosas  
Como as estalactites duma gruta?!<sup>89</sup>

Augusto dos Anjos, entre 1903 a 1907, estudou na Faculdade de Direito de Recife – instituição que compôs um marco importante para a filosofia no campo de ideias científicas no Império. É válido ressaltar que no século XIX, os anseios de uma autonomia intelectual no Brasil germinaram-se nessa escola. Um grande passo dado em

<sup>86</sup> NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional dematerial escolar, 1974, p. 24.

<sup>87</sup> SANCHEZ, Sebastian M. **História da Educação no Brasil**. Campina Grande. 2007, p. 20.

<sup>88</sup> DELANEZE, Taís. **As reformas educacionais de Benjamin Constant (1890-1891) e Francisco Campos (1930-1932): o projeto educacional das elites republicanas**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade federal de São Carlos. Centro de educação e ciências humanas programa de pós-graduação em educação. São Carlos, SP, p. 37.

<sup>89</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 79.

direção a essa busca pela autenticidade foi com a publicação de José de Araújo Ribeiro, com *O fim da criação ou a natureza interpretada pelo senso comum*, em 1875.<sup>90</sup> No mesmo período, Sílvio Romero apresenta a Filosofia no Brasil, vista como obra mais relevante que contrapõe à filosofia do Império, embora, contraditoriamente, replique as armadilhas presentes no pensamento social do século XIX.<sup>91</sup> A obra de Romero foi a primeira tratativa de análise do conjunto de ideias filosóficas difundidas no Brasil. Ele criticava a emancipação filosófica por meio de escritores educados sob o regime da metafísica francesa, reatores neocatólicos e espíritos sob a tutela de Comte e Darwin.

Em Recife, grande parte dos intelectuais que ocupavam aquele ambiente vinha de da classe média urbana e compartilhavam a ideia de que cabia à ciência a missão de desvendar a realidade. Com a publicação, em 1888, dos dois volumes de sua *História da Literatura Brasileira*, Sílvio Romero marcará o passo fundamental de sua atividade intelectual: a fundamentação do que se poderia denominar de culturalismo sociológico.

A nova geração de intelectuais, que assumiria as principais cadeiras da faculdade, visava extinguir antigos padrões, em nome da civilização. Esses novos modelos correspondiam à entrada de ideias evolucionistas que, em Recife, teve larga aceitação. O biólogo e filósofo Haeckel exerceu grande influência sobre vários dos integrantes da Escola do Recife, mais precisamente com a publicação em 1893 do seu livro *O Monismo como Traço de União entre a Religião e a Ciência*.<sup>92</sup> Pode-se dizer que as premissas de fundir a filosofia evolucionista-mecanicista com a religião já se encontram na História Natural da Criação (1868) ao estabelecer Haeckel a conhecida distinção entre materialismo moral e materialismo das ciências naturais. O evolucionismo teve, também, em Herbert Spencer, um de seus mais importantes defensores. Para Spencer, evolução significa progresso, conforme proclama o filósofo inglês em seu ensaio intitulado *Progresso* (1939).

Em 1876, Sílvio Romero verá em Spencer o grande realizador desse propósito, considerando-o como pensador mais profundo, cuja construção filosófica, tomada em seu todo, é mais imponente do que Augusto Comte. Está aí o fecundo sistema da corrente que o próprio Sílvio Romero denominada logo depois de Escola do Recife:

Quer se trate - diz ele no ensaio citado - do desenvolvimento da Terra, quer se trate do desenvolvimento da vida na sua superfície ou do desenvolvimento da sociedade, ou do

---

<sup>90</sup> RIBEIRO, José de Araújo. **O fim da criação ou a natureza interpretada pelo senso commum**. São. Leopoldo: Typographia Esperança, 1875

<sup>91</sup> ROMERO. **Filosofia do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969.

<sup>92</sup> HAECKEL, Ernst. **O monismo: laço entre a religião e a sciencia**. Porto: Livraria Chardon, 1908.

governo, ou da indústria, ou do comércio, ou da linguagem, ou da literatura, ou da ciência, ou da arte, sempre no fundo de todo progresso está a evolução que vai do simples ao complexo através de diferenciações sucessivas.<sup>93</sup>

Além desse autor, outro intelectual de notória importância para esse conjunto de ideias instaurada na história das instituições, e que questionaria o positivismo de Comte, foi Tobias Barreto.<sup>94</sup> Para ele, o desenvolvimento da filosofia não se limitava à tentativa de apresentar ideias novas ao país, mas teve o mérito de dar nascimento a uma escola que muito contribuiu para a formação da cultura brasileira.

O seu exotismo ao editar jornais e livros em alemão davam acesso à maioria dos intelectuais, uma vez que a língua estrangeira só era de conhecimento a uma camada prestigiada da população. A quase totalidade de seus escritos está voltada contra as correntes mais difundidas no Brasil: o ecletismo, o espiritualismo, o tomismo e o positivismo, por meio da leitura que Tobias fez dos filósofos alemães (Haeckel<sup>95</sup> Buckle<sup>96</sup>) e da difusão de autores como Darwin, Spencer,<sup>97</sup> Littré,<sup>98</sup> Le Play,<sup>99</sup> Le Bon<sup>100</sup> e Gobineau.<sup>101</sup> Para Daniel Levy Candeias, em *Augusto dos Anjos: um moderno entre os ismos*(2015):

[...] essa transformação na esfera educacional contribuiu para que Augusto dos Anjos usasse o recurso alusivo da poesia científica, porém, para manifestar uma experiência absolutamente oposta ao positivismo e a ciência em voga.<sup>102</sup>

<sup>93</sup> Ver: SPENCER, Herbert. Progresso. apud ABBAGNANO ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 462.

<sup>94</sup> ROMERO. **Filosofia do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969.

<sup>95</sup> Biólogo, naturalista, filósofo, médico, professor e artista alemão que ajudou a popularizar o trabalho de Charles Darwin e um dos grandes expoentes do cientificismo positivista.

<sup>96</sup> Autodidata, Buckle está associado ao positivismo historiográfico, tendo exercido grande influência entre intelectuais brasileiros do final do século XIX.

<sup>97</sup> Filósofo, biólogo e antropólogo inglês, bem como um dos representantes do liberalismo clássico. Spencer foi um profundo admirador da obra de Charles Darwin. É dele a expressão “sobrevivência do mais apto”, e em sua obra procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana.

<sup>98</sup> Lexicólogo e filósofo francês, discípulo de Comte, Maximilien Paul Émile Littré é o divulgador do positivismo através do jornal National.

<sup>99</sup> Engenheiro de minas e professor de metalurgia francês, que se tornou mais tarde investigador independente, tendo contribuído largamente para o desenvolvimento empírico de uma sociologia em formação. Polímata francês cujas áreas de interesse incluíam antropologia, psicologia, sociologia, medicina, e física.

<sup>100</sup> Lexicólogo e filósofo francês, discípulo de Comte, Maximilien Paul Émile Littré é o divulgador do positivismo através do jornal National. Ele é mais conhecido por seu trabalho em 1895, *A Multidão: Um Estudo da Mente Popular*, considerado um dos trabalhos seminais da psicologia das multidões.

<sup>101</sup> Diplomata, escritor e filósofo francês. Um dos mais relevantes teóricos do racismo no século XIX.

<sup>102</sup> CANDEIAS, Daniel Levy. **Augusto dos Anjos: um moderno entre os 'ismos'**. (Tese-Doutorado) Programa de Pós Graduação - Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Letras (USP). São Paulo, 2015, p. 13.

Para o poeta, por mais que a ciência e a técnica pudessem o consolar sobre a origem e finitude da vida, eram também as mesmas que davam cabo a uma série de descontinuidade, uma vez que, pela ciência, a humanização se sucumbiu.

Seu trabalho poético é resultado de uma ruptura radical da visão lírica e ultrapassa dimensões oníricas para encontrar a banalidade da vida bruta, da luta entre as espécies pela sobrevivência. Para ele, a literatura era a única forma de viver, mas raramente de compreender a realidade. Para isso ele recorre às ciências. Em uma sociedade em que o desenvolvimento capitalista era a única perspectiva concreta, e a cultura, como expressão de classe, exprimia, no que tinha de progressista naquele estágio, seria natural que a realidade fosse vista de uma forma deformada.

## 2.6 A Regeneração das Cidades e a “Degeneração” dos mestiços

É evidente que vários discípulos de Comte participaram da Revolução Republicana no Brasil, sob acordos radicais absolutos, mas como revolucionários animados (...) de espíritos autoritários (...).<sup>103</sup>

O século XIX foi o século das especializações, das sínteses — das leis orgânicas ao darwinismo social — e da superação dos limites entre áreas de conhecimento. É neste contexto que se insere o embate entre ciências sociais e literatura que forneceram instrumento de expressão a Augusto dos Anjos. Tanto a Reforma Benjamin Constant, quanto a Reforma Leôncio de Carvalho propiciaram um ambiente mais liberal em relação à educação e às instituições de ensino,<sup>104</sup> e apesar de a maioria das reformas educacionais neste período histórico terem sido, contraditoriamente, implantadas por conservadores, a modernização das instituições foi essencial para o caminho para a formação do pensamento crítico da sociedade. Assim, como citado por Freitas “o efeito multiplicador das instituições tornou-se visível pela criação de inúmeras outras Sociedades Propagadoras que ofereciam cursos para trabalhadores, inclusive libertos e escravos, no interior da Província de São Paulo.”<sup>105</sup>

Em sua obra *O espetáculo das raças* (1993), Lilia Schwarz disserta que:

<sup>103</sup> FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos, decadência do patriarcado rural e desenvolvimento dourbano**. São Paulo: Record, 2000.

<sup>104</sup> DELANEZE, Taís. **As reformas educacionais de Benjamim Constant (1890-1891) e Francisco Campos (1930-1932): o projeto educacional das elites republicanas**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade federal de São Carlos. Centro de educação e ciências humanas programa de pós-graduação em educação. São Carlos, SP, p. 37.

<sup>105</sup> FREITAS, Marcus Vinícius de. **Contradições da modernidade: o jornal Aurora Brasileira (1873-1875)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p. 67.

O fortalecimento e amadurecimento de alguns centros de ensino nacionais, como os museus etnográficos, as faculdades de direito e medicina, e os institutos históricos e geográficos adquiriram perfis próprios, compondo, logo, modelos alternativos que se diferenciavam do ensino espiritualista. Neste percurso é que uma gama de intelectuais verá a realidade de um ponto de vista político e, conseqüentemente, científico, uma vez que as influências de fora do Brasil interferiram de forma direta ou indireta na vida pública. Neste período, houve um marco para a história das ideias no Brasil, representando o momento de entrada de um novo ideário positivo-evolucionista em que os modelos de análise cumpriram um papel fundamental.<sup>106</sup>

Além da instituição da Ciência no Brasil, o desejo de emancipação social e financeiro, originário da Europa do intelectual, é também compreendido como um dos projetos de modernidade na Literatura brasileira, o qual assumirá a discussão, tanto pelo seu caráter de rompimento de ordem social, como consciência pela questão nacional que precisava ser debatida entre as elites. Apesar dos notáveis avanços na área da ciência, não podemos deixar de abordar que a principal contradição se encontra nesses modelos de análises era a visão eugenista da sociedade.

O conceito de raça que foi se definindo com as expedições naturalistas e ganharam contornos problemáticos em meio aos estudos sanitaristas e botânicos. O Brasil era apontado como um caso único e singular de extremada miscigenação racial. Um “festival de cores”, uma “sociedade de raças cruzadas”<sup>107</sup> na visão de vários intelectuais europeus e nacionais. Como dizia Silvio Romero, de fato, era como uma nação multiétnica que o país era recorrentemente representado.

A Expedição Thayer, realizada entre 1865 e 1866, dirigida pelo suíço Louis Agassiz, que saiu de Nova Iorque, passando pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, nordeste do Brasil e Amazônia, contando, em sua integração, com zoólogos e geólogos, além de vários assistentes divididos entre essas duas áreas, já recolhia uma visão particular do homem brasileiro – o homem selvagem. Dentre os membros da expedição, Charles Frederick Hartt, geólogo e aluno de Agassiz, reuniu uma grande coleção zoológica e tornou-se autoridade em história natural da América do Sul. Posteriormente, as matrizes ideológicas de Hartt tiveram grande impacto na institucionalização das ciências no Brasil e na formação técnica dos jovens profissionais.<sup>108</sup> Encantado pela diversidade encontrada no território brasileiro, a expedição retorna aos Estados Unidos da América carregando na bagagem anotações que se transformara no paraíso dos naturalistas. Era

<sup>106</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 48.

<sup>107</sup> ROMERO. **Filosofia do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969.

<sup>108</sup> FREITAS, Marcus Vinícius de. **Contradições da modernidade**: o jornal Aurora Brasileira (1873-1875). Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p. 28.

dessa maneira que, em 1868, o reconhecido pesquisador suíço Agassiz descrevia o local:

[...] que qualquer um que duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam, venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental.<sup>109</sup>

Lilia Schwarcz disserta sobre o caráter determinista de análises que fez parte de um longo processo que perdurou nas pesquisas científicas do século XIX. Na questão de raças e etnias, esse ideal se distanciava da visão proposta pela Revolução Francesa de igualdade entre os homens. Isso ilustra o aspecto contraditório do ensino reformista brasileiro que, ainda presos na visão eurocêntrica, definia a multiplicidade de raças com base na monogenia. O homem, segundo essa versão, teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos humanos apenas um produto “da maior degeneração ou perfeição do Éden.”<sup>110</sup> Nesse tipo de argumentação vinha embutida, por outro lado, a noção de virtualidade, pois a origem uniforme garantiria um desenvolvimento (mais ou menos) retardado, mas de toda forma semelhante. Pensava-se na humanidade como um gradiente. Quanto mais perto do Éden, mais perfeito.

Esse mesmo contexto, no entanto, abriu caminhos para um novo ponto de vista. Em meados do século XIX, a hipótese poligenista transformava-se em uma alternativa admissível, em vista da complexidade das ciências biológicas e, sobretudo, diante da contestação ao dogma monogenista da Igreja. Os autores poligenistas acreditavam na crença na existência de vários centros de criação, que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas. Paul Broca, famoso anatomista e craniologista, estudioso da biologia humana, afirmava que as diversidades humanas eram um produto direto das diferenças na estrutura racial. Lilia Schwarcz reitera:

Para esse cientista, a partir do crânio poder-se-ia comprovar a inter-relação entre inferioridade física e mental do ser humano. Essa versão permitiria o fortalecimento de uma interpretação biológica na análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como resultado imediato de leis biológicas e naturais. Era evidente, portanto, uma linha de análise que cada vez mais se afastava dos modelos humanistas, estabelecendo rígidas correlações entre conhecimento exterior e interior, entre a superfície do corpo e a profundidade de seu espírito.<sup>111</sup>

<sup>109</sup> AGASSIZ, Louis (1807-73). **A journey in Brazil**. Boston, s.e., 1868, p. 71.

<sup>110</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 48.

<sup>111</sup> SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2015, p. 113.



Agassiz também era adepto da poligenia, para ele, as raças foram criadas separadamente e se classificariam com base em zonas climáticas específicas, e seriam dotadas de atributos distintos – ideias hoje consideradas dentro do racismo científico. O naturalista suíço nunca apoiou a escravidão, afirmando que suas teorias sobre a poligenia não tinham nenhuma relação com a política. Para Agassiz, espécies e gêneros eram ideias na mente de Deus; essa existência na mente de Deus antes de sua criação física significaria que Deus teria criado os seres humanos como uma única espécie, porém em diversos atos de criação distintos e separados geograficamente.<sup>112</sup>

Essa observação da natureza biológica impulsionou uma nova hipótese sobre a antropologia criminal, cujo principal expoente era Cesare Lombroso, argumentava ser a criminalidade um fenômeno físico e hereditário e, como tal, um elemento objetivamente detectável nas diferentes sociedades.<sup>113</sup> Logo, o projeto de Regeneração das Cidades combinava com a “degeneração” dos mestiços e da população condenada pelo caráter determinista da ciência. Isso nos permite a análise de que enquanto os estudos antropológicos nascem diretamente vinculados às ciências físicas e biológicas, em sua interpretação poligenista, as análises etnológicas mantêm-se ligadas a uma orientação humanista e de tradição monogenista.

Enquanto Quatrefage<sup>114</sup> e Agassiz,<sup>115</sup> continuaram a hierarquizar raças e povos, em função de seus diferentes níveis mentais e morais, por outro lado, cientistas poligenistas, ao mesmo tempo em que admitiam a existência de ancestrais comuns na pré-história, afirmavam que as espécies humanas tinham se separado havia tempo suficiente para configurarem heranças e aptidões diversas. Fato é que as duas interpretações assumiram o modelo evolucionista e atribuíram ao conceito de raça uma conotação negativa, que escapa da biologia para adentrar questões de cunho político e cultural.

As máximas de Darwin transformavam-se, aos poucos, em referência obrigatória, significando uma reorientação teórica consensual, como mostra Lilia Schwarcz:

---

<sup>112</sup> AGASSIZ, Louis (1807-73). **A journey in Brazil**. Boston, s.e., 1868, p. 71.

<sup>113</sup> LOMBROSO, Cesare. **Tratado Antropológico Experimental do Homem Delinquente**. 1876, p. 45.

<sup>114</sup> Naturalista francês, filho de fazendeiros protestantes. Estudioso da área das ciências naturais, onde se especializou.

<sup>115</sup> O naturalista pretendia comprovar, observando escravos e seus descendentes, que negros e brancos, pertencentes a raças diferentes, não podiam habitar o mesmo espaço. Os negros eram incapazes de se civilizar, e deveriam se manter apartados da civilização, se contrapondo dos Estados Unidos. Encontrando os escravos, ele fotografou dezenas de pessoas nuas em cidades como Rio de Janeiro e Manaus.

O darwinismo forneceu uma nova relação com a natureza e, aplicado a várias disciplinas sociais — antropologia, sociologia, história, teoria política e economia —, formou uma geração social-darwinista.<sup>116</sup>

Essa inconstância racional contribuiu para que todos os feitos de ordem social, política ou econômica passarem a ser analisados conforme a ciência tratava a biologia e a matemática, por exemplo. O fortalecimento e amadurecimento de alguns centros de ensino nacionais como os museus etnográficos, as faculdades de direito e medicina, e os institutos históricos e geográficos, por fim, estabeleceram modelos alternativos de análise. Destaco aqui a Escola de Recife, onde Augusto dos Anjos estudou entre 1903 e 1907. Lá, as teorias de Haeckel e Spencer (durante a sua segunda fase, iniciada pelos anos de 1868 a 1870 e que se estendeu até 1882) influenciaram grande parte da obra do poeta. São teorias que se opunham ao antigo empirismo do direito divino.<sup>117</sup>

Tudo isso, aliado ao crescimento urbano e a consolidação do imaginário científico, desde 1870, já faziam parte de um complexo processo de mudanças — o que teria refletido nas manifestações literárias durante o século XIX que se estenderam até o século XX. O projeto de Regeneração das Cidades combinava com a “degeneração” dos mestiços e da população condenada pelo caráter determinista da ciência. Ao lado de um discurso de cunho liberal, tomava força, em finais do século passado, um modelo racial de análise era proposto de forma consensual de muitos estudiosos, porém, criticada na obra de Augusto dos Anjos.

Filho podre de antigos Goitacases,  
Em qualquer parte onde a cabeça ponha,  
Deixa circunferências de peçonha,  
Marcas oriundas de úlceras e antrazes<sup>118</sup>

*Lázaro da Pátria* é dos poemas em que a temática racial recai, e a Pátria é usada pelo poeta como um sentido bastante negativo. Importa perceber o caráter marginalizado, construído a partir de imagens que remetem às figuras do índio e do homem rústico. No primeiro verso, o filho aparece como herança de uma nova raça, advinda de antigos Goitacazes. O que descende de um período de doenças, colonização e extermínio. De fato, a hibridação das raças significava nesse contexto “um tumulto”, como concluía o jornal *A Província de São Paulo* em 1887. Tendo em mente essa

<sup>116</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 48.

<sup>117</sup> Doutrina política e religiosa segundo a qual o poder dos reis tem como fundamento a vontade de Deus.

<sup>118</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 27.

“representação mestiça” que se fazia do país, e a grande incidência de teorias que priorizavam o tema racial como um dos principais problemas da cidade, certamente o poeta paraibano tomaria essas análises, usando o próprio manejo vocabular para criticar as teorias monogenistas e poligenistas.

No segundo verso, a craniologia, área mais específica da anatomia humana, utilizada pelos poligenistas, aparece na figura da circunferência da cabeça que, onde quer que esteja, deixa marcas de doenças infecciosas. É notável que o *Lázaro da Pátria* traga, em suas raízes, as mazelas contemporâneas. A figura do mestiço, no poema, logo aparece de forma a se opor ao conceito racial advindo da complexidade biológica das ciências. O traço típico do autor, construído com base na zoomorfização, já se mostra de forma comparativa “Deixa circunferências de peçonha”, “marcas oriundas de úlceras e antrazes”. O também chamado de "Goitacás" foi um grupo indígena que habitou parte do litoral brasileiro, na região Sudeste, até o século XVIII, quando foram dizimados por uma epidemia de varíola.<sup>119</sup>

A doença também é um tema que está presente na história das capitais, como vimos na cessão 2.4. O grande contingente populacional, no Rio de Janeiro e São Paulo, reforçou a habitação da população mestiça nas regiões centrais, mas, além disso, a cidade era entrada para milhares de imigrantes e tinha um porto importante em que centenas de embarcações atracavam. A concentração de pessoas em seus pequenos bairros e o fluxo de viajantes que passavam pela cidade permitiu que uma série de doenças ganhasse espaço nela. A partir da segunda metade do século XIX, doenças como tuberculose, peste bubônica, febre amarela, cólera, varíola, entre outras, espalhavam-se frequentemente pela cidade, causando a morte de milhares de pessoas. Logo, a crítica que o poeta faz sobre o processo de modernização forçada e a mistura entre imigrantes, proletariados e subproletariados resultam na árvore genealógica da Pátria – analisada pelo viés antigo do imaginário científico da população.

Todos os cinocéfalos vorazes  
Cheiram seu corpo.  
À noite, quando sonha,  
Sente no tórax a pressão medonha  
Do bruto embate férreo das tenazes<sup>120</sup>

Na segunda estrofe, a bestialização do homem na figura do cinocéfalo nos mostra

---

<sup>119</sup> A varíola foi introduzida no Brasil pelos “descobridores” europeus. Com o processo de colonização, a doença foi se disseminando. A primeira referência foi feita por José de Anchieta, em 1561, e a primeira epidemia registrada data de 1563.

<sup>120</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 27.

outra característica do autor: o grotesco para descrever a humanidade. Em seu artigo *Os cinocéfalos: a lenda dos homens-cachorros*, Leandro Villar retrata que:

[...] da Idade Antiga até o começo da Idade Moderna, lendas sobre homens-cachorros foram reportadas por autores europeus, africanos e asiáticos. Essas criaturas ora apareciam como um povo rústico, vivendo nu, morando em cavernas e praticando o canibalismo, mas em outros relatos eles usariam roupas, viveriam em casas, saberiam falar e entenderiam de agricultura e comércio”.<sup>121</sup>

A alteridade desses “novos homens” transformada em modelo lógico se contrapõe à experiência ocidental. Como concluía Rousseau sobre a origem da desigualdade entre os homens, “se há uma bondade original da natureza humana: a evolução social corrompeu-a.”<sup>122</sup>

De acordo com Lilia Schwarcz, a partir do século XIX, quando o imaginário social já estava consolidado, havia relatos sobre “crianças selvagens”, “meninos-lobos” perdidos nas florestas do exótico Oriente - casos que alimentavam a curiosidade ocidental. Segundo Schwarcz em *O espetáculo das raças*:

Os meninos selvagens pareciam estabelecer limites, mesmo que tênues, entre o mundo da natureza e o mundo da cultura, despertando atenção ao tema. Estrangeiro abandonado em meio a um mundo que lhe parece hostil, o famoso filósofo da Ilustração encontrava um modelo ideal nesse “outro” tão distante de “nós, ocidentais.”<sup>123</sup>

A Bíblia fala de dois Lázarus, um que tinha o corpo tomado por feridas que os cães lambiam e outro, amigo de Jesus, ressuscitado por este. Elaborada, sobretudo, por jesuítas e elementos ligados ao setor militar, como, por exemplo, o coronel José de Machado Oliveira,<sup>124</sup> ou Domingos Alves Moniz Barretos,<sup>125</sup> a imagem do indígena era a de um elemento redimível mediante a catequese, que o retiraria de sua situação “bárbara e errante” para inseri-lo no interior da civilização, entendida pelo instituto como processo eminentemente branco. Dessa forma:

---

<sup>121</sup> VILLAR, Leandro. **Os cinocéfalos: a lenda dos homens-cachorros**. Blog Seguindo os Passos da História. 17 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://seguidopassoshistoria.blogspot.com/2021/01/oscinocefalos-lenda-dos-homens.html>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

<sup>122</sup> OLIVEIRA, Antonio Eunize de. **Jean-Jacques Rousseau: pedagogia da liberdade**. João Pessoa: Ed. UFPB, 1977, p. 205.

<sup>123</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 111-112.

<sup>124</sup> Filho do tenente-coronel Francisco José Machado de Vasconcelos e de Ana Esmênia da Silva, entrou cedo para o exército, participando das campanhas de 1817 e 1822 no sul, chegando ao posto de coronel.

<sup>125</sup> Francisco Muniz (ou Moniz) Barreto foi poeta, militar, escriturário da Alfândega da Bahia e considerado o maior repentista do Império.

[...] poder-se-ia então promover a instrução desses míseros filhos das florestas, avezando-os igualmente ao doce jugo do trabalho, tornando-os úteis a si e a seu paiz, seria ela o ensaio e logo a solução para a perfeita civilização. A humanidade e a civilização tem, portanto, a esperança.<sup>126</sup>

Qual seria o *Lázaro da Pátria*? Certamente não seria o segundo, uma vez que o índio é ressuscitado tantas vezes na história de nosso país como um marginal, doente e selvagem.

Mostra aos montes e aos rígidos rochedos  
A hedionda elefantíase dos dedos...  
Há um cansaço no Cosmos... Anoitece.  
Riem as meretrizes no Cassino,  
E o Lázaro caminha em seu destino  
Para um fim que ele mesmo desconhece!<sup>127</sup>

As enfermidades são trazidas com frequência na poesia de Augusto dos Anjos, pois elas representam a herança do colonizador. O homem é condenado à impureza por uma questão genética. Não há esperança de uma humanidade melhor, porque a luz, símbolo das ideias e da inteligência, vem, na posteridade, substituída pela degeneração do mestiço. Como retratado por Alexei Bueno, “O poeta o reduz a um ínfimo acidente na cadeia das espécies”.<sup>128</sup> Na terceira e quarta estrofe, o destaque de palavras como “rígido”, “rochedo”, “elefantíase” mostram a faceta do homem rústico, do mundo e das doenças. Excluído das zonas ocidentais.

A certeza da efemeridade do ser humano, exposto a tantas leis que regem o universo, faz da mestiçagem uma inevitável condenação ao destino incerto. O cotidiano é marcado pela imposição de limitações oriundas da sua saúde frágil. Todo o poema nos mostra os problemas fisiológicas e sociais que causam a extinção da humanidade.

Os próximos parágrafos sintetizam a brilhante análise do poema “O negro”, feita por Dorival dos Santos em *Lírica e cismos sociais na poesia de Augusto dos Anjos*.

Oh! Negro, oh! filho da Hotentótia ufana,  
Teus braços brônzeos como dois escudos,  
São dois colossos, dois gigantes mudos,  
Representando a integridade humana!<sup>129</sup>

<sup>126</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 111-112.

<sup>127</sup> *Lázaro da Pátria*. ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 27.

<sup>128</sup> BUENO, Alexei. Augusto dos Anjos: origens de uma poética. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 26-27.

<sup>129</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 85.

Neste poema escrito entre o final do século XIX e a primeira década do século XX, o tema racial recai, mas de forma a distanciar do conceito científico que percorre a quase grande parte da obra poética de Augusto dos Anjos. Segundo Dorival:

[...] a sua atitude reflexiva despenha um papel decisivo no contraste com a ordem social, política e cultural de seu tempo, ao passo em que evoca a imagem de desamparado do homem negro, sugerindo a liberdade do sistema opressor logo nos primeiros versos.<sup>130</sup>

Para Ernest Renan (1823-92) existiriam três grandes raças branca, negra e amarela, específicas em sua origem e desenvolvimento. Os grupos negros, amarelos e miscigenados “seriam povos inferiores não por serem incivilizados, mas por serem incivilizáveis não perfectíveis e não suscetíveis ao progresso.”<sup>131</sup> Utilizando a noção de “raças não perfectíveis”, Renan apoiava o argumento poligenista, tendo como pano de fundo a crítica ao ideal humanista da unidade e ao conceito de “perfectibilidade” em Rousseau. O filósofo e historiador não só duvidava de uma origem comum dos homens, como da possibilidade de se prever um destino conciliável. Com relação à população negra, vigorava uma visão evolucionista mas determinista no que se refere ao “potencial civilizatório dessa raça”: “Os negros representam um exemplo de grupo incivilizável”, afirmava um artigo publicado em 1891; *As populações negras vivem no estado mais baixo de civilização humana*.<sup>132</sup>

Segundo Dorival dos Santos, “a ideia de naturalização do negro como raça inferior amplia a discussão do plano particular para o geral no poema.”<sup>133</sup> Nos braços do negro habita a “integridade humana”, conforme podemos ler na primeira estrofe (braços brônzeos, dois escudos, dois colossos, dois gigantes – exaltação da parte humana). Ainda que em meio a um silêncio imposto – “dois gigantes mudos”. Assim, o que se pode dizer da integridade humana num contexto em que o colonialismo tirou do negro a

<sup>130</sup> SANTOS, Dorival dos. Lírica e cismos sociais na poesia de Augusto dos Anjos. **XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética**. UFPR – Curitiba, Brasil, 2011. Disponível em: <<https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0117-1.pdf>> Acesso em: 20 mai 2023.

<sup>131</sup> Historiador e filósofo, Ernest Renan afirma que a conquista de um país de raça inferior por parte de uma raça superior não tem nada de inconveniente. Para ele, a pureza da raça devia ser perseguida não só eliminando indivíduos de outras raças, mas também indivíduos inferiores fisicamente ou psicologicamente da própria raça. RENAN, 1961 *apud* SCHWARCZ, 1993, p. 62.

<sup>132</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 48.

<sup>133</sup> Ver análise de Dorival dos Santos, em SANTOS, Dorival dos. Lírica e cismos sociais na poesia de Augusto dos Anjos. **XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética**. UFPR – Curitiba, Brasil, 2011, p. 5. Disponível em: <<https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0117-1.pdf>> Acesso em: 20 mai 2023.

sua condição humana e o escravizou, impondo-lhe o silêncio? Gilberto Freyre sobre o sistema social da escravidão já dizia:

O negro nos aparece no Brasil, através de toda nossa vida colonial e da nossa primeira fase da vida independente, deformado pela escravidão. Pela escravidão e pela monocultura de que foi o instrumento, o ponto de apoio firme, ao contrário do índio, sempre movediço.”<sup>134</sup>

No geral, a fala de Gilberto Freyre estava diretamente vinculada e difundida ao pensamento europeu, num discurso que reduz o negro africano a uma raça inferior. Freyre aborda que “abundam os documentos que nos mostram no negro um tipo antropológicamente inferior, não raro próximo do antropeide, e bem pouco digno do nome de homem”.<sup>135</sup> Dessa forma, a predominância do discurso hegemônico que atribuía ao negro apenas a finalidade de servo, não inculcava a força bruta como sinal de inteligência. Se a inteligência era aplicada ao saber metafísico, como pode o escravo ter este dom, já que o escravo não detinha os direitos do ensino? Augusto dos Anjos parece, assim, como um testemunho que cumpre o seu papel de revelar o que a ideologia esconde, sugerindo a desconstrução desse ideal, feito a partir do sistema social hegemônico e das forças de opressão.

Dorival dos Santos analisa que, de uma maneira romantizada, o poeta idealiza os dotes físicos, a aparência do sujeito, a imagem do corpo, mas que vai se transformando em atitude reflexiva. A matéria tematizada do “negro” logo se converte na história de dor e sofrimento da “alma africana”. Nesse sentido, vemos que, de um ponto de vista individual, o autor parte para a trama coletiva, das dores da raça. Se o poder opressor era incapaz de enxergar no trabalho escravo o espírito da “integridade humana”, tendo em vista que o negro, assim como os mestiços, era visto como um não civilizado, o poema o coloca no sistema social dominante pelo avesso, sendo-lhe dissonante.

Os “braços brônzeos”, traduzidos metaforicamente em “dois escudos”, apontam para a ideia de segurança que oferece legitimidade ao sistema de dominação do colonizador. Dessa forma, o poema incorpora a visão do negro para além da verdade única da ciência. Na segunda estrofe do poema, o corpo mais uma vez ganha destaque, tomado como “força soberana” e glorificada.

---

<sup>134</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006, p. 397.

<sup>135</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006, p. 370.

Nesses braços de força soberana  
 Gloriosamente à luz do sol desnudos  
 Ao bruto encontro dos ferrões agudos  
 Gemeu por muito tempo a alma africana!<sup>136</sup>

Para Dorival, “trata-se de uma soberania em meio a acoites e “ferrões agudos”, simbolizando a ação do sistema de dominação e exploração. Nesse sentido, “ferrões agudos” expõem a desumanização em que vivia o escravo, representando o gemido da alma africana em terras desconhecidas. Esse encontro bruto que simboliza a ação de barbárie é realizada pelas mãos daqueles que se autodenominam “civilizados”.

No colorido dos teus brônzeos braços,  
 Fulge o fogo mordente dos mormaços  
 E a chama fulge do solar brasido.<sup>137</sup>

O último terceto reforça a ideia de que na lírica de Augusto dos Anjos, a imagem do negro se diferencia em relação à imagem criada pelo sistema de dominação do colonizador. Trata-se de uma obra poética em que reside uma atitude lírica reflexiva de oposição ao discurso corrente de seu tempo. Ao revés do pensamento hegemônico que coloca o negro na condição de inferior e nos deu a imagem do “deformado pela escravidão”, uma realidade outra vem à expressão do poema e aos olhos do leitor. Ao reconhecer que dos braços brônzeos do escravo nasceu uma multiplicidade de matéria produtiva. Através de seu trabalho, a terra germinou coisas sensíveis e materiais preciosos, o que se pode dizer: algo mais voltado para o mundo do espírito (flores, frutos) e o mundo de riquezas materiais (metais), tal como podemos ler em:

E eu cuido ver os múltiplos produtos  
 Da Terra – as flores e os metais e os frutos<sup>138</sup>

O poema de Augusto dos Anjos é, pois, uma contestação da ideologia racista, das forças dominadoras de exploração escrava. Resistindo à falsa consciência germinada no interior de uma situação classicista, o poeta deslegitima os mecanismos e os beneficiários do poder, apontando para outros possíveis. Os seus versos se opõem à retórica do poder, expressando o desejo de “uma ordem inteiramente diversa da estabelecida.”<sup>139</sup>

<sup>136</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 86.

<sup>137</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 86.

<sup>138</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 86.

<sup>139</sup> BOSI, Alfredo. **História Concisa Da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970, p. 123.



### 3 A LINGUAGEM CIENTÍFICA: UMA MARCA DA MODERNIDADE

Vestido de hidrogênio incandescente,  
Vaguei um século, improficuamente,  
Pelas monotonias siderais...<sup>140</sup>

Além da ideologia racista, servida como crítica, a poesia de Augusto dos Anjos faz larga utilização da ciência e incorpora as teorias de Haeckel e Spencer, dois principais divulgadores do evolucionismo no final do século XIX na Escola de Recife<sup>141</sup> para tentar explicar o incognoscível – a disputa pela sobrevivência na sociedade em decadência. Para esses e outros autores que movimentaram as teorias científicas do século XIX, tudo o que existe, as plantas, os animais, o homem - tem origem no movimento de partículas minúsculas que produzem todos os fenômenos da Natureza, psicológicos e sociais. E é deste materialismo que se nega a existência do sobrenatural. Nas condições de dependência das teorias científicas, a literatura surge como imitação de uma atividade cultural, fruto de sua época e fornece, portanto, a experiência concreta do indivíduo.<sup>142</sup>

Na terceira fase de Augusto dos Anjos, que compreende o período de 1910-1916, a temática filosófica e a presença do pensamento, como fenômeno fisiológico, como faculdade que distingue os homens dos outros seres da natureza, como instrumento para explorar a verdade, aparece como um tema fundamental e recorrente. Mesclando experiência opressora da província e as reivindicações políticas e culturais vividas no Rio de Janeiro, Augusto dos Anjos deu início a um processo de mudança ideológica, cujos sinais aparecem nesta última fase.

Para estabelecer um diálogo mais marcante da Modernidade com a obra do poeta paraibano, é válido ressaltar que o cientificismo e a escola racionalista representavam a Filosofia desenvolvida durante a Modernidade. Nesta perspectiva, Maria Amália Andery, em seu trabalho intitulado *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica* (1988), aponta que:

[...] todo conhecimento seguiu exatamente da ordenação estabelecida pela natureza, que, do ponto de vista positivista, encontra-se em contínuo progresso evolutivo. As

<sup>140</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 53.

<sup>141</sup> O mundo histórico habitado por Herbert Spencer e Haeckel compreende o Reino Unido na segunda metade do Século XIX, no qual se configurou a sociedade industrial, beneficiária dos avanços científicos que foram a base das inovações tecnológicas por detrás do incremento da produtividade e da efetividade da força de trabalho.

<sup>142</sup> CANDEIAS, Daniel Levy. **Augusto dos Anjos: um moderno entre os 'ismos'**. (Tese-Doutorado) Programa de Pós Graduação - Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Letras (USP). São Paulo, 2015, p. 32.

características desta concepção estão presentes no pensamento humano da modernidade.<sup>143</sup>

Para mostrar que o conceito de razão e a tradição dos pensadores, cientistas e filósofos têm particular importância na obra de Augusto dos Anjos, servindo, muitas vezes, como base quando se apresentam considerações sobre o mundo ou a vida em geral, recorreremos à fortuna crítica de Daniel Levy Candeias (2015) e Alex Alves Fogal (2016) que, não superficialmente, trabalharam a ciência como elemento constituinte da poesia de Augusto dos Anjos para mostrar o quanto o discurso científico se desdobra para a linguagem moderna.

### 3.1 Filósofo: um sujeito moderno

Ao lermos Augusto dos Anjos, deparamos frequentemente com momentos de reflexão sobre questões filosóficas, ao exercício da leitura e referências a autores, teorias e conceitos biológicos. Elementos que dão concretude ao papel crucial que a faculdade de pensar cumpre. Essa ordenação privilegia a concepção de um mundo reducionista e aparentemente sem contradições. Vejamos o exemplo da Introdução ao método dialético, de Cornforth (1976):

As estrelas não existiram sempre. Formaram-se a partir de massas de gás disperso. Uma vez formado, todo o sistema solar, com todas as estrelas, sofreu um processo evolutivo por etapas. Algumas estrelas, como o nosso sol, adquiriram planetas - um sistema solar. Assim nasceu a Terra. À medida que a sua superfície foi arrefecendo, foram-se formando compostos químicos, cuja formação era impossível sob alta temperatura das estrelas. Assim, a matéria começou a manifestar novas propriedades que dantes não existiam - as propriedades da combinação química. Então formaram-se compostos orgânicos a partir da complexa ligação de átomos de carbono, e da matéria orgânica nasceram os primeiros corpos que começaram a manifestar as propriedades da vida, da matéria viva. Os organismos vivos sofreram uma longa evolução que levou eventualmente ao homem. Com o homem nasceu a sociedade humana. [...] <sup>144</sup>

Nesta cessão, o estudo do poema *Agonia de um filósofo*, escrito em 1912, servirá para discutirmos os limites e a finalidade do pensamento que está presente em grande parte da obra de Augusto dos Anjos na sua terceira fase.

Consulto o Phtah-Hotep.  
Leio o obsoleto Rig-Veda.

<sup>143</sup> ANDERY, Maria Amália. *et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, São Paulo: Educ, 1988, p. 14.

<sup>144</sup> CORNFORTH, M. *Introdução ao método dialético*. Lisboa: Estampa, 1976, p. 64-65.

E, ante obras tais, não me consolo...  
 O Inconsciente me assombra e eu nele rolo  
 Com a eólica fúria do harmatã inquieto!<sup>145</sup>

Nesta primeira estrofe do poema, o poeta, além de demonstrar um grande repertório, ao usar referências teóricas e literárias, apresenta-se como um erudito interessado em problemas existenciais, epistemológicos, ontológicos etc. Problemas muito discutidos no final do XIX e no início do XX.

De início, vemos na primeira estrofe que a vertente cientificista com base no monismo molda a visão de mundo do eu-lírico para além das influenciadas teóricas niilistas de Schopenhauer<sup>146</sup> e Nietzsche.<sup>147</sup> Na parte mais substancial da poesia, encontramos uma concepção radicalmente negativa do pensamento e da natureza, pendendo mais para a inspiração de fundo filosófico do que a de viés científico. A assimilação negativa de características que seriam definidoras da Poesia Científica, fenômeno constante, é algo pontual na obra de Augusto dos Anjos.

Uma das características marcantes da poesia é o contraponto entre a estrutura e as escolhas lexicais e imagéticas, assim define o estudo crítico levantado por Daniel Levy Candeia em *Augusto dos Anjos, um moderno entre os 'ismos'* (2015). Para o crítico, por um lado, os poemas de Augusto dos Anjos abundam os termos científicos ou simplesmente pouco usados no campo da lírica e no campo da fala, por outro, percebe-se neles um gosto pelas formas tradicionais, sobretudo a preferência pelo soneto e pelos versos decassílabos (quase sempre heroicos), algo que talvez possamos entender como uma tendência classicizante. No que diz respeito a essas características, o exemplo a seguir não foge à regra:

Assisto agora à morte de um inseto!  
 ...ah! todos os fenômenos do solo  
 Parecem realizar de pólo a pólo  
 O ideal de Anaximandro de Mileto!<sup>148</sup>

No soneto, há a predominância dos versos heroicos que se sobressaem às imagens fortes e às palavras e expressões insólitas, como “cenobial” e “heterogêneo”,

<sup>145</sup> Agonia de um filósofo. ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 181.

<sup>146</sup> Para Schopenhauer, a falta de finalidade da natureza é insuportável. O homem, por ser a forma de vida mais complexa e bem acabada, tem acesso a todo sem-sentido da existência. Não vale a pena viver porque uma vontade satisfeita rapidamente se torna tédio e é substituída por outra vontade.

<sup>147</sup> Nietzsche propõe a “ausência de sentido” atrelado ao conceito de “Super-Homem”. Eles surgem a partir da “Morte de Deus” e da libertação do sujeito à moral de rebanho.

<sup>148</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 181.

incluindo títulos de duas obras em língua estrangeira.<sup>149</sup> Sua sequência é abruptamente entrecortada de imagens, que provoca certo desnorreamento da leitura, o que apresenta algo evidente e linear: uma situação narrativa protagonizada pelo eu-lírico.

Num primeiro momento, o eu-lírico estuda livros de sabedoria egípcia e indiana, mas não se satisfaz com o que encontra. Em seguida, um fenômeno específico, a morte de um inseto, leva-o a acreditar na veracidade da filosofia de Anaximandro de Mileto. Por último, realizando um trabalho de reflexão “digno de um gênio”, desvencilhando-se das impressões falsas que se pode ter da realidade, constata que todos os mundos – a totalidade das coisas – são formados pela substância universal.

A observação da morte do inseto, evento corriqueiro e discreto, e as consequências que dela decorrem denotam o isolamento em que se encontra o observador, totalmente entregue ao fluxo de seus pensamentos. Candeias observa que cena lembra poemas românticos que exploram a solidão do eu-lírico num espaço fechado, às voltas com seu próprio eu.

Contudo, não é preciso muito esforço para perceber que tal parentesco se dilui nas gritantes particularidades do soneto de Augusto dos Anjos, principalmente ao considerarmos que, neste caso, o estímulo para a imersão interior não é o amor, não é diretamente a morte (referida brevemente no poema), não é saudade e também não é a desolação de viver. É a busca da verdade; verdade essa que não é espiritual nem individual, mas racional e científica.<sup>150</sup>

Além desses aspectos, há ainda outros que fazem o poema se afastar do espiritualismo, do subjetivismo e do sentimentalismo romântico. Apesar de o eu-lírico demonstrar limitações no começo de sua expedição, quando esta termina, ele está cheio de certezas. Em lugar do indivíduo cuja alma transcende a matéria e as palavras, temos diante de nós um sujeito com um objetivo a ser alcançado, que se realiza após as devidas providências.

No hierático areópago heterogêneo  
Das idéias, percorro como um gênio  
Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...

Rasgo dos mundos o velário espesso;  
E em tudo, igual a Goethe, reconheço  
O império da substância universal!<sup>151</sup>

<sup>149</sup> CANDEIAS, Daniel Levy. **Augusto dos Anjos: um moderno entre os 'ismos'**. (Tese-Doutorado) Programa de Pós Graduação - Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Letras (USP). São Paulo, 2015, p. 29.

<sup>150</sup> CANDEIAS, Daniel Levy. **Augusto dos Anjos: um moderno entre os 'ismos'**. (Tese-Doutorado) Programa de Pós Graduação - Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Letras (USP). São Paulo, 2015, p. 29.

<sup>151</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

O embate entre eu e mundo aparece no início apenas para se desenvolver até sua solução completa, que marca o final da pequena narrativa, assinala a vitória da realidade concreta e compõe a chave de ouro do soneto, a expressão “o império da substância universal” - o universo em sua totalidade e essência, como verdade absoluta. Diante disso somos levados a afirmar que o poema defende valores diametralmente opostos aos do Romantismo. *Agonia de um filósofo* é uma ode ao princípio de que tudo que existe é composto por uma mesma substância.

A postura racionalista do eu-lírico diante da realidade, o método intelectual que ele utiliza para responder aos seus anseios e a trajetória bem-sucedida que ele percorre para constatar a aplicabilidade de um conceito, denotam uma visão idealista do trabalho de pesquisa, atribuindo-lhe uma função. Essa visão é acompanhada das referências a conceitos do Naturalismo e do Monismo<sup>152</sup> (com menção direta a Haeckel), que aproximam o soneto do que se poderia chamar de Poesia Científica.

Com referências diretas a teóricos que estavam nas bases do pensamento da Escola do Recife,<sup>153</sup> o destemido filósofo Augusto dos Anjos supera a desconsolação, enfrenta o seu inconsciente, percorre toda a vastidão de ideias, para encontrar a verdade absoluta. Essas narrativas visitam o imaginário da tradição das lendas e dos mitos, refletindo o papel heroico que foi atribuído, de fato, ao intelectual brasileiro do início do Século XIX. Todos esses aspectos que levantamos indicam a filiação de Augusto dos Anjos com o cientificismo e a representação indireta do modo como essa e outras correntes de pensamento foram assimiladas no Brasil. Considerando o senso comum da teoria científica do século XIX, em que a propriedade homogênea passa por um processo complexo de heterogeneidade, bem como a passagem do plano religioso para o científico e perceptível na poesia de Augusto dos Anjos através da divisão das estrofes.

O primeiro quarteto, por exemplo, manifestaria o pensamento metafísico. O segundo, a observação de um fenômeno natural e a filosofia empírica dela decorrente. No primeiro terceto, que representaria uma superação das etapas anteriores, o uso da razão, sem se limitar à metafísica ou ao empirismo, permitiria avaliar a matéria e o que está além dela. Na última estrofe a evolução se realiza, que, segundo o poema, nada mais é que pensar à maneira de Haeckel. O eu-lírico, logo, não se engana mais com as impressões imediatas e percebe a correspondência perfeita entre realidade e teoria.

---

<sup>152</sup> HAECKEL, Ernst. **O monismo: laço entre a religião e a ciência**. Porto: Livraria Chardon, 1908.

<sup>153</sup> Ver: GOMES, Adriana. A Escola de Recife e o culturalismo no pensamento jurídico brasileiro no oitocentos. In: XXVIII Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2015, Florianópolis. **Anais Eletônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 1-12.

Paralelamente a esse processo evolutivo, há, no poema de Augusto dos Anjos, uma disputa entre o mundo das ideias e o mundo exterior, que mimetiza o trabalho de reflexão filosófica, na medida em que este depende de imanência e transcendência - a experiência e pensamento. Essa disputa é marcada pelo ritmo, pelo tom e pelo teor das ações. Isso, porque as atividades realizadas no quarto de leitura são lentas e monótonas, enquanto aquelas que ocorrem na mente do eu-lírico são fluidas e grandiosas.

Além das referências teóricas encontradas na obra do poeta paraibano, outro traço do cientificismo se encontra em seu vocabulário. Debruçando sobre a tese de Alex Alves Fogal em *O Eu de Augusto dos Anjos: a ciência, a filosofia e o prosaico como elementos da fatura estética* (2016), em seu capítulo em *Ciência e forma poética* vemos que o autor aponta para o uso de vocábulos extraídos do conhecimento científico sendo utilizados de forma bastante singular na obra de Augusto dos Anjos.<sup>154</sup> Apesar da aproximação entre ciência e literatura ser um traço marcante na passagem século XIX para o XX, em sua poesia o termo científico não aparece somente enquanto ornamento ou tentativa de se adequar à tendência do período. As palavras oriundas do campo da botânica, da fisiologia, da morfologia evolucionista e da doutrina materialista são parte central de seu procedimento estético, visto que grande parte do potencial poético lírico de seus escritos deriva delas.

O próprio poema trabalhado nesta cessão, assim como grande parte dos poemas contidos no *Eu* nos mostra uma clara opção do autor por uma linguagem que inicialmente poderia ser classificada como “apoética” e “antilírica”, uma vez que não se limita ao uso de metáforas fáceis e de palavras com valor poético banalizado. Termos como “ermatã”, “eólico”, “cenobial” são inseridos num campo de significação no qual o objetivo não é, conforme se vê no âmbito das ciências, descrever um fenômeno da natureza com o máximo de precisão possível, e sim adensar a carga de expressão das palavras empregadas, cuja força extrapola o campo denotativo e ganha proporções sentimentais e estéticas. Ferreira Gullar, em seu ensaio sobre a poesia de Augusto dos Anjos, nos dá uma boa explicação sobre essa especificidade do método poético do autor:

Na origem desse universo poético estão dois elementos contraditórios: uma visão e um sentimento de mundo, uma concepção teórica e uma disposição afetiva que se contradizem e se constituem dialeticamente. A visão teórica compreende a vida como fenômeno material sujeito às implacáveis leis da natureza; a disposição afetiva acolhe essa visão como tragédia, sofre-a, rebela-se contra ela, busca superá-la na criação estética (...) gerando uma linguagem poética peculiar, original.<sup>155</sup>

<sup>154</sup> FOGAL, Alex Alves. **O Eu de Augusto dos Anjos: a ciência, a filosofia e o prosaico como elementos da fatura estética** / Alex Alves Fogal. 2016, p. 22.

<sup>155</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a**

A poetização da linguagem técnica é atingida na obra de Augusto dos Anjos com uma intensidade incomum, capaz de operacionalizar uma contradição entre mundo interior e exterior. Essa correspondência entre o íntimo e o ambiente externo é central na reformulação da noção de lirismo na modernidade.

O que torna o poema bem sucedido e que desponta para os parâmetros da lírica moderna é o fato de o poeta se expressar de “maneira a não nos distrair com alusões a seu estado mental.”<sup>156</sup> Quando Augusto dos Anjos coloca o sentimento através da força da natureza, por meio de termos que, *a priori*, só poderiam ser utilizados em outro contexto e com outra função, é possível dizer que ele encontrou uma correspondência funcional, capaz de absolver sua poesia da dicotomia entre a imaginação e as coisas.

### 3.2 Moderno, modernidade e modernismo

A postura da crítica que tenta enquadrar Augusto dos Anjos em um estilo de época específico não compreendeu que os recursos estilísticos empregados pelo autor não podem ser usados para tentar colocar o poeta nesta ou naquela escola, pois todas as características encontradas na obra são a apreensão do tempo em que o poeta absorveu essa afluência de ideias, acontecimentos, vivenciou e experimentou a modernidade contraditória que marcou para sempre a sua visão de mundo e o seu modo de expressar. A recepção crítica do *Eu* ainda não discute o seu caráter moderno. Compreendemos sim que havia, ao tempo em que Augusto dos Anjos produziu sua obra, outros autores ávidos de mudança, o que viria a desaguar no movimento de 1922. No entanto, o destaque merecido está vindo com atraso. Seu reconhecimento se dá aos poucos como aponta Eduardo Portella:

As visões reducionistas que cerceiam, e cercearam, a leitura do *Eu*, exibem um estrabismo incurável. Em que pese o esforço desenvolvido por Antônio Houaiss, M. Cavalcanti Proença, Francisco de Assis Barbosa, Gilberto Freyre, Anatol Rosenfeld – para citar os mais diversificadamente penetrantes –, Augusto dos Anjos continua sendo um desafio crítico.<sup>157</sup>

José Ricardo Cunha, em seu ensaio *Modernidade, Pós-Modernidade e*

---

**poesia de Augusto dos Anjos.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 47.

<sup>156</sup> HAMBURGUER, Michael. **A verdade da poesia.** Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 47.

<sup>157</sup> PORTELLA, Eduardo. Um poeta da confluência. In: MELO FILHO, Murilo (org). **Augusto dos Anjos: a saga de um poeta.** Rio de Janeiro: Ed. Graf. Brasileira, 1994, p. 66.

*Emancipação na Perspectiva da Ética da Alteridade* (2018),<sup>158</sup> propõe pensarmos, de forma singular, os conceitos de “moderno”, “modernidade” e “modernismo”. Esses 3 conceitos partem da ideia de que a modernização e as possibilidades de subjetividade que surgem a partir desta são a expressão inoportuna de um processo único que se expande continuamente. Para o autor, a relação entre os termos serviu de estruturação conceitual para um sistema de dominação cultural e política contra o qual se ergueu e se definiu o modernismo.

No livro *O discurso filosófico da modernidade*, Jürgen Habermas (1985) explica que a ideia de modernidade como processo unívoco e contínuo está relacionado intimamente com o conceito de racionalismo ocidental desenvolvido por Max Weber: “não foi apenas a profanação da cultura ocidental que Max Weber descreveu do ponto de vista da racionalização, foi sobretudo o desenvolvimento das sociedades modernas.”<sup>159</sup>

Assim, o cotidiano é transformado pelo desenvolvimento de um processo de racionalização social e cultural responsável por dissolver as formas tradicionais de organizações humanas. Esta relação entre modernidade e racionalismo ocidental estabelece o conceito de modernidade como um conceito de época: os novos tempos são os tempos modernos. Dessa forma, a separação entre a idade média e a idade moderna se faz de acordo com eventos marcantes na história. O discurso filosófico da modernidade que coloca a idade moderna como novos tempos, cria a representação da história como um processo homogêneo: “A Idade Moderna confere a todo o passado uma qualidade de história universal [...] O diagnóstico dos novos tempos e a análise das eras passadas estão em mútua relação.”<sup>160</sup>

A partir da ideia de que a modernidade é a expressão do racionalismo ocidental, criou-se a contingência da universalização da cultura eurocêntrica como um evento natural do desencadeamento histórico. Este sistema de pensamento cria uma lógica de superioridade cultural que mascara a possibilidade de se pensar a modernidade enquanto uma complexa e heterogênea dinâmica geopolítica a partir do percurso historiográfico analisado no capítulo 2. Estabelecer a diferença etimológica entre os 3 conceitos citados aqui é fundamental para se pensar a produção estética modernista.

---

<sup>158</sup> CUNHA, J. R.. Modernidade, Pós-Modernidade e Emancipação na Perspectiva da Ética da Alteridade. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. Rev. Direito Práx., 2018 9(3), p. 1313–1362, jul. 2018.

<sup>159</sup> HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. [Trad. Luiz S. Repa e R. Nascimento: Der Philosophische Diskurs der Moderne]. Martins Fontes, 2000 [1985].

<sup>160</sup> KOSELLECK, Reinhart. **'Espaço de experiência' e 'horizonte de expectativa': duas categorias históricas**. Frankfurt/Main 1979, p. 327.



Paralelamente ao estudo de José Ricardo Cunha,<sup>161</sup> outro estudioso a abordar a questão da modernidade é Alain Touraine. O autor afirma que:

[...] a modernidade é a difusão dos produtos da atividade racional, científica, tecnológica e administrativa e ela implica a crescente diferenciação dos sectores político, económico, familiar, religioso e artístico.

[...]

A modernidade é sinónimo de crítica e se identifica com a mudança; não é a afirmação de um princípio intemporal, mas o desdobrar da razão crítica que, sem cessar, se interroga, se examina e se destrói para renascer novamente. Não somos regidos pelo princípio da identidade nem por suas enormes e monótonas tautologias, mas pela alteridade e a contradição, a crítica em suas vertiginosas manifestações. No passado, a crítica tinha como objetivo atingir a verdade; na idade moderna, a verdade é crítica. O princípio em que se fundamenta o nosso tempo não é uma verdade eterna, mas a verdade da mudança.<sup>162</sup>

Indispensável para compreender as condições dessa geração de pensadores e do seu fértil esforço de conhecer o Brasil é a atmosfera de instabilidade e indefinição que envolveu todo o período de decadência do Império e consolidação da República. Uma sensação de fluidez e de falta de pontos fixos de referência que se difundiu incessantemente na profundidade textual os quais veremos a seguir.

Levando em consideração o ponto de vista dos dois autores, podemos dizer que a obra de Augusto dos Anjos possui como traço marcante a presença da lírica moderna que se faz de maneira dissonante: o indeterminado, por meio de palavras determinadas. É a Modernidade que se anuncia através do discurso científico, como pontua Ferreira Gullar:

Lendo Spencer convenceu-se de que a ciência é incapaz de penetrar a essência das coisas – o incognoscível –, a realidade absoluta que seria fonte de todo o conhecimento humano; que o evolucionismo não era um fenómeno limitado aos seres vivos mas se estenderia a todo o mundo material e também à sociedade humana. Com Haeckel aprendeu que a monera estava na origem de todos os seres animais. Dessas concepções materialistas, atingiu-o sobretudo a noção da morte como fato material, da vida como um processo químico dentro do qual o corpo humano não era mais que uma organização ‘de sangue e cal’, condenada inapelavelmente ao apodrecimento e à desintegração.<sup>163</sup>

É o que podemos analisar com uma leitura densa das duas primeiras partes de *As cismas do destino* na última sessão deste trabalho. Veremos que nova linguagem poética

<sup>161</sup> CUNHA, J. R.. Modernidade, Pós-Modernidade e Emancipação na Perspectiva da Ética da Alteridade. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. Rev. Direito Práx., 2018 9(3), p. 1313–1362, jul. 2018.

<sup>162</sup> TOURAINE, Alain 2002: **Crítica da Modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, p.17.

<sup>163</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 14.

é produto de todas as transformações concebidas pela ciência moderna e as mudanças ocorridas nos centros das capitais.

Nesse limiar, nesse cruzamento de caminhos em que o sujeito é jogado, descobrimos, afinal, a persistência teimosa de um horizonte trágico, de um “destino” incontornável que nenhuma técnica consegue apagar ou dissipar: suspenso no cansaço, no aborrecimento profundo, o homem moderno revive e reaviva o antigo dilema, já não projetado no mito ou cristalizado no rito, mas vivido no interior de uma subjetividade que não pensa, mas sente ou, como se exprime ainda Pessoa, sente pensando.<sup>164</sup>

O poeta enfoca o sofrimento do homem ainda em vida, reduz o homem ao agrupamento de matéria refém de forças sobre as quais ele não tem controle. A morte, sendo o fim de tudo, desfaz qualquer esperança de consolação e alívio em outro plano de existência.

### **3.3 Modernidade em decadência e a narrativa urbanizada na obra de Augusto dos Anjos**

Um emblemático não só na poesia de Augusto dos Anjos, mas em praticamente toda produção intelectual do período moderno é, sem dúvida, o choque de tensão entre o técnico e o abstrato, e o desdobramento que se dá entre o Eu, não-eu.<sup>165</sup> Na dialética interna do processo expressivo de Augusto dos Anjos, os poemas longos assinalam os momentos em que a necessidade expressiva conduz o poeta a superar suas próprias limitações e condicionamentos. São momentos em que ele se dispõe a questionar mais profundamente suas relações com a realidade.

O poema *As Cismas do Destino* é um monólogo dramático em quatro partes, publicado primeiramente em 1908, e depois como parte do único livro de Augusto, *Eu*, em 1912. Aqui, para analisarmos de que forma a modernidade se incorpora no trabalho do poeta, veremos algumas passagens do poema, evidenciando as duas primeiras partes que enunciam a modernidade na literatura brasileira. São essas passagens que trazem essa consciência de um novo tempo sobre o qual estamos falando.

---

<sup>164</sup> FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Angst e sentimento (do) trágico na moderna poesia de Língua Portuguesa. *Scripta*. Belo Horizonte, v. 12, n. 23, p. 131-147, jul./dez. 2008

<sup>165</sup> A filosofia do eu ou do si/self, em referência ao eu essencial ou si mesmo, define, entre outras coisas, as condições de identidade que tornam um sujeito da experiência distinto de todos os outros. As discussões contemporâneas sobre a natureza do self não são, portanto, discussões sobre a natureza da personalidade ou da identidade pessoal. (Heidegger, 2015).

As Cismas do Destino

Recife.  
 Ponte Buarque de Macedo.  
 Eu, indo em direção à casa do Agra,  
 Assombrado com a minha sombra magra,  
 Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo alvo  
 Das estrelas luzia...  
 O calçamento Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento,  
 Copiava a polidez de um crânio calvo.<sup>166</sup>

O poeta aqui apresenta, logo na primeira estrofe, experiências precursoras da modernidade que se manifestam a partir da narrativa urbanizada. O olhar pela cidade num ângulo íntimo tenciona o desdobramento que se dá entre o antigo e o moderno - o que propicia uma análise histórica da questão. Curiosamente, Recife é uma cidade que foi fundada em 1537, onde nasceram alguns autores importantes da intelectualidade brasileira moderna, como Gilberto Freyre, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, todos filhos de antigas oligarquias. Logo, há um paralelo interessante que se faz entre a ponte Buarque de Macedo e a própria poesia de Augusto dos Anjos. São duas construções que anunciam a modernidade, mas que, contraditoriamente, carregam o fardo do tradicionalismo. Além disso, Hugo Friedrich (1966), em *Problemas atuais e suas fontes: estrutura da lírica moderna*, afirma que o conflito que se manifesta entre a linguagem arcaica e o racionalismo é um traço marcante da modernidade. Essa é a polaridade geral de toda a poesia moderna; a tensão existente que forma uma unidade estrutural acima das frações a que elas mesmas pertencem, fazem parte da composição do poeta.

Na estrofe seguinte, vemos os primeiros elementos tidos como supostamente externos ao procedimento formal afirmado por Friedrich e que se tornam mecanismos internos e substanciais para a força artística do poeta, sendo reafirmado por Antonio Candido.

A busca da perfeição pela correção gramatical, a volta aos clássicos e o rebuscamento marcam uma atitude de tipo aristocrático e constituem um traço saliente da fase que vai dos anos de 1880 até a altura de 1920, correspondendo a um desejo de elegância ligado à modernização do país, sobretudo sua capital, Rio de Janeiro.<sup>167</sup>

Ao descrever o calçamento e a figuração da cidade que se moderniza a partir dos

<sup>166</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 102.

<sup>167</sup> CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes. 3 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p. 66.

elementos arcaicos, o que se vê é o uso de palavras usuais dentro de uma engrenagem artística. Ou seja, aqueles termos que antes eram usados somente para comunicação, passam a funcionar como ferramenta estética. A premissa parte da descrição da textura, da projeção e largura, com detalhes ínfimos descritivos que tomam uma forma diferenciada do fazer poético.<sup>168</sup>

Lia Machado dos Santos, em sua obra *A modernidade na lírica de Augusto dos Anjos* (2013), disserta que os processos de urbanização aliados a esses termos “coexistem na poesia de Augusto dos Anjos, marcando a tensão que se faz entre a intelectualidade eurocêntrica e as demandas pela modernidade e pelo progresso da nação brasileira”.<sup>169</sup> Um dos tópicos que os intelectuais no final do século XIX enfatizavam como as principais exigências da nação era a atualização da sociedade como o modo de vida provindo da Europa; a modernização das estruturas da nação, e a elevação do nível cultural e material da população. No entanto, há um mascaramento dos costumes culturais em prol de uma sofisticação arquitetônica aos moldes europeus e que se refletia na problemática estrutural do país, o que se pode notar à medida que o olhar de Augusto pela cidade se amplia para os detalhes no avançar da leitura atenta do poema.

A construção imagética do segundo e do terceiro verso da segunda estrofe fornecem críticas às feições urbanizadas, onde se concentravam a elite letrada, a tecnologia, o dinheiro e a política. Segundo Ana Cláudia Veiga de Castro, em seu artigo *Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana* (2016) “São também no espaço urbano que ocorrem as pressões, as novidades, os debates, o lazer, a alta rotatividade das pessoas, os fluxos dos visitantes, o som de muitas línguas, a rápida troca de ideias e estilos, a oportunidade de especialização artística se realizam.”<sup>170</sup>

Nesse sentido, a cidade ser o local fundamental da circulação literária, como também o artista moderno teria sido “capturado pelo espírito da cidade moderna.”<sup>171</sup>

---

<sup>168</sup> FOGAL, Alex Alves. **O Eu de Augusto dos Anjos**: a ciência, a filosofia e o prosaico como elementos da fatura estética / Alex Alves Fogal. 2016, p. 22.

<sup>169</sup> SANTOS, Lia Machado dos. **A modernidade na lírica de Augusto dos Anjos**. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras. Departamento de Humanidades e Educação. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2013.

<sup>170</sup> CASTRO, A. C. V. de. **Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana**. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 24(3), 2016, p. 99-120.

<sup>171</sup> BRADBURY, Malcon, “As cidades do modernismo”. In: BRADBURY, Malcon e MCFARLANE, James (Orgs.) **Modernismo**: Guia geral (1890-1930) . São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 77.

Assim como em Baudelaire, as representações do urbano sobre a reconstrução do mundo idealizado se expressam em discursos e também em imagens evocadas. Traços perceptíveis à ânsia referencial do poeta sobre o lugar em que ocupa e que passa a ser diluída já no fim da primeira estrofe, quando o calçamento da ponte assume o aspecto de um crânio calvo.

Lembro-me bem.  
 A ponte era comprida,  
 E a minha sombra enorme enchia a ponte,  
 Como uma pele de rinoceronte  
 Estendida por toda a minha vida!  
 A noite fecundava o ovo dos vícios Animais.  
 Do carvão da treva imensa  
 Caía um ar danado de doença  
 Sobre a cara geral dos edifícios!<sup>172</sup>

Nas estrofes acima, o delinear da grande metrópole continua acompanhado de uma reflexão do autor sobre o que faz e sobre aonde vai – uma reflexão que se estende por toda a humanidade. A exposição que o eu-poético faz sobre o ambiente muda de caráter, e a sua sombra, vista por si mesmo, assume a forma de um rinoceronte por toda a extensão de sua vida. A descrição do espaço se envereda por um caminho no qual o apego pela estrutura geográfica vai sendo deixado de lado e passa a ter afeições alucinatórias. Nesse prisma, a poesia augustiniana dá lugar à beleza de um encanto agressivo. A nova “beleza” adquire sua inquietação mediante a deformação em bizarro e mediante a “união do espantoso com o doido.”<sup>173</sup>

A condição do enveredamento e da indisposição cartográfica vai cedendo lugar para o pensamento íntimo do poeta – o que permite uma análise interessante sobre o que é retratado por Alex Alves Fogal em *O Eu de Augusto dos Anjos: a ciência, a filosofia e o prosaico como elementos da fatura estética* (2016):

[...] quando o eu-poético apresenta uma interpenetração entre o universo íntimo e o mundo objetivo. Essa capacidade do eu em se desdobrar para o plano do não-eu é condição indispensável para que o modo de expressão do poeta internalize dispositivos externos ao campo da criação poética e os disponha como chave estética. É a partir disso que a perspectiva sobre o mundo, o sentimento expresso e a linguagem se tornam mais ricos e matizados, capazes de extrapolar o domínio da subjetividade.<sup>174</sup>

<sup>172</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.102.

<sup>173</sup> FRIEDRICH, Hugo. **A estrutura da Lírica Moderna**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

<sup>174</sup> FOGAL, Alex Alves. **O Eu de Augusto dos Anjos: a ciência, a filosofia e o prosaico como elementos da fatura estética** / Alex Alves Fogal. – 2016.

[...] Tal uma horda feroz de cães famintos,  
Atravessando uma estação deserta,  
Uivava dentro do eu, com a boca aberta,  
A matilha espantada dos instintos!

Era como se, na alma da cidade,  
Profundamente lúbrica e revolta,  
Mostrando as carnes, uma besta solta  
Soltasse o berro da animalidade.

E aprofundando o raciocínio obscuro,  
Eu vi, então, à luz de áureos reflexos,  
O trabalho genésico dos sexos,  
Fazendo à noite os homens do Futuro.[...] <sup>175</sup>

Outro traço presente na modernidade apresenta-se nos três primeiros versos da primeira estrofe acima. Mais do que a representação animalesca da cidade e do homem, o percurso é claro: o homem é, antes, dominado pela natureza quando “o trabalho genésico dos sexos fazem os homens do futuro”. A operação entre a construção e o natural é invertida e passa a ser naturalizada. Aliadas às transformações no espaço físico das capitais, a leitura e análise de *As Cismas do Destino* nos mostra que os novos modos de pensar e agir na cidade metropolitana traz a angústia, o receio, o medo, o despreparo do poeta ao transitar nestes novos espaços da modernidade projetada pelo engenho humano. Por mais que o progresso queira avançar, a natureza urge como indomável e mostra, nas imagens alusivas da poesia, uma explicação para todo o destino desprezível dos homens do futuro.

Na literatura brasileira até o momento do Modernismo, os objetos que inspiravam poesia possuíam tradicionalmente certa grandiosidade ou valor sentimental que os tornavam superiores às coisas comuns. Em muitos poemas do Romantismo, por exemplo, o eu-lírico se inspira em objetos pessoais de mulheres amadas ou de entes queridos que estejam distantes ou faleceram. No Parnasianismo, encontramos com abundância objetos decorativos, dos quais os vasos são os mais significativos, cuja suposta beleza reflete o ideal ornamentalista do movimento. De forma diferente, no poema do qual estamos tratando agora, o objeto que inspira as elucubrações do eu-lírico não representa a beleza e a harmonia nem possui a particularidade de despertar a memória de alguém a quem ele pertenceu, mas faz parte dos elementos cotidianos. Assim, sentimentos humanos e tudo que pode ser considerado abstrato são expressos através dos atos e coisas banais - outro traço de um discurso modernizante.

---

<sup>175</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.102.

A constituição do imaginário “progressista” sobre a modernização das cidades nos séculos XVIII e XIX, a ideia de urbanismo, as ruas, o culto à mercadoria e o fetichismo passaram a fazer parte da vida do homem. Com isso, em muitas regiões no Brasil, o indivíduo assiste a vida inquieta das grandes metrópoles que ganham novos traços arquitetônicos e seus modos de vida que vão sendo bruscamente mudados. Assim, à lírica, num contexto social conflituoso e ambivalente que é a sociedade capitalista e industrializada, é feita uma exigência de um protesto:

Protesto contra um estado social que todo indivíduo experimenta como hostil, alheio, frio, opressivo [...] A idiossincrasia do espírito lírico contra a prepotência das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação de mercadorias sobre homens que se difundiu desde o começo da idade moderna e que desde a revolução industrial se desdobrou em poder dominante da vida.<sup>176</sup>

A tentativa de igualdade do rearranjo social, no Brasil, acelera o desenvolvimento da metrópole e ilustra também a coerção e o desprezo do Estado pelo homem empobrecido, pela fragmentação das relações pessoais. Assim, os fetos magros, que aparecem na segunda estrofe abaixo, surgem como metáforas possíveis para a figura da modernidade precoce. Os versos da primeira estrofe apresentam como figuras de linguagem e clave estética<sup>177</sup> a definição da sociedade que se organiza pelo viés orgânico – manifestações essas advindas de um intelectualismo categórico e darwinista.

[...] Livres de microscópios e escalpelos,  
Dançavam, parodiando saraus cínicos,  
Biliões de centrosomas apolínicos  
Na câmara promíscua do vitellus.

Mas, a irritar-me os globos oculares,  
Apregoando e alardeando a cor nojenta,  
Fetos magros, ainda na placenta,  
Estendiam-me as mãos rudimentares! [...] <sup>178</sup>

O ponto de vista pautado pela organização de Hebert Spencer – filósofo e sociólogo inglês e pioneiro do Darwinismo social<sup>179</sup> tendo suas teorias difundidas na Escola de Recife - onde Augusto dos Anjos teve uma passagem marcada – destaca os

<sup>176</sup> ADORNO, Theodor. “Lírica e sociedade”. Em: BENJAMIN, Walter *et alii*. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p 195.

<sup>177</sup> FOGAL, Alex Alves. **O Eu de Augusto dos Anjos**: a ciência, a filosofia e o prosaico como elementos da fatura estética / Alex Alves Fogal. 2016, p. 22.

<sup>178</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.103.

<sup>179</sup> Várias teorias da sociedade, que surgiram no Reino Unido, América do Norte e Europa Ocidental, na década de 1870. Trata-se de uma tentativa de se aplicar o darwinismo nas sociedades humanas.

processos de desenvolvimento da sociedade, expressos através de estruturas microbiológicas. Nas duas estrofes acima, vê-se que a criação poética é mediada pelo âmbito orgânico, aproximando dois eixos tradicionalmente concebidos como contrários. Os versos produzidos acima ilustram uma das visões que acometem o eu-poético em sua andança. No primeiro verso da primeira estrofe, há a formação da vida a olhos nus, ocorrendo pelas ruas de Recife “livre de microscópios”. Os centrossomas são o principal centro organizador de microtúbulos das células animais, desempenhando funções celulares essenciais no processo de divisão celular, uma vez que regula a nucleação e organização espacial dos microtúbulos.<sup>180</sup>

Além da especialização massiva e do avanço da microbiologia, outra característica da ciência que se destacou inicialmente no século XVIII é a manipulação. A ciência, tendo como uma de suas ferramentas a experimentação, cria uma infinidade de instrumentos de manipulação das coisas físicas e dos seres vivos. As novas técnicas de experimentação científica aumentam em muito o poder de manipulação da ciência. A sede do homem moderno pela sua autoafirmação gerou um cenário de dominação à natureza e à humanidade, que está expresso na poesia, tal qual pontuado por Sevcenko:

A crença no mito novecentista da ciência – intensificado na Belle Epoque – consagrava-a como único meio prático e seguro de reduzir a realidade, as leis, conceitos e informações objetivas, as quais, instrumentalizadas pelo cientista, permitiram o seu perfeito domínio. Uma ciência sobre o Brasil seria a única maneira de garantir uma gestão lúcida e eficiente de seu destino. Desacreditadas as elites tradicionais, só a ciência – e seus Prometeus portadores – poderia dar legitimidade ao poder.<sup>181</sup>

Em Augusto dos Anjos percebemos que a grande parte da força artística dos poemas advém da especificidade dos termos utilizados, geralmente associados ao funcionamento da realidade material e orgânica para explicar a natureza reativa do mundo.

[...] Mostravam-me o apriorismo incognoscível  
 Dessa fatalidade igualitária,  
 Que fez minha família originária  
 Do antro daquela fábrica terrível! [...] <sup>182</sup>

<sup>180</sup> PEREIRA, Inês Domingos Feio. **Estudo da proteína humana centrossomal TBCCD1**: determinação de domínios funcionais. Tese de mestrado em Bioquímica, apresentada à Universidade de Lisboa, através da Faculdade de Ciências, 2011.

<sup>181</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 28.

<sup>182</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.103.



Na estrofe acima, o autor escreve como um homem voltado para si, que não fala de seu eu empírico, mas de um sujeito lírico que se vê vítima da modernidade e da materialidade orgânica. É o poeta que passa por um longo processo de reflexão sobre o lugar que o homem ocupa no mundo. Ser e estar no mundo são condições aparentes na obra de Augusto dos Anjos, que ora aparecem através da exaltação da ciência, ora se sucumbem a ela. Gritada ou pronunciada, essa relação pode ser lida através das concepções de Heidegger que colocará a ciência e a técnica em um lugar de crise na modernidade.<sup>183</sup> O poeta em análise, enquanto indivíduo, angustia sua existência, tomando a consciência trágica o seu determinismo mortificador.<sup>184</sup> Heidegger nos adverte que a tecnociência colonizou todos os espaços e subjugou todos os saberes. Assim, somos vítimas dessa fatalidade igualitária a qual fomos originados.<sup>185</sup>

Dilva Frazão (2020) ao fazer um pequeno percurso bibliográfico de Augusto dos Anjos, nos lembra que o poeta paraibano é descendente de antigos senhores de terras, os Fernandes de Carvalho, donos do engenho na várzea da Paraíba. Em 1892, os dois engenhos da propriedade da família, o Pau D'arco e o Coité foram hipotecados e situação financeira se agravou. Frazão reitera que: “o pai de Augusto dos Anjos, Dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos, foi vítima de um insulto cerebral, morreu em 1905, logo em seguida, o tio Dr. Aprígio Carlos Pessoa de Melo morreu em 1908.”<sup>186</sup> É nesse ambiente de doença e luto que viveu Augusto dos Anjos. O que desmorona não é apenas a sua família, mas toda a classe latifundiária do Nordeste atingida pelas transformações fabris.

[...] Ninguém compreendia o meu soluço,  
Nem mesmo Deus!  
Da roupa pelas brechas,  
O vento bravo me atirava flechas  
E aplicações hiemais de gelo russo.[...]<sup>187</sup>

Quando deixa de interagir com a realidade exterior, para investigar a si mesmo,

<sup>183</sup> Heidegger trata a técnica como o sentido de uma nova época para o ser humano, mas que não está ao alcance de sua vontade, controle ou consciência. O que preocupa Heidegger é o fato de que, por causa da tecnologia, estamos nos esquecendo cada vez mais do ser. (Heidegger, 2015).

<sup>184</sup> Conceito filosófico que define que todos os fatos que acontecem no presente são determinados por causas anteriores, ou seja, tudo aquilo que acontece ao homem ou no mundo é determinado por acontecimentos passados e que podem ser de caráter natural ou sobrenatural.

<sup>185</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2015, p. 330.

<sup>186</sup> FRAZÃO, Diva. Augusto dos Anjos. Poeta Brasileiro. **Ebiografia**. <[https://www.ebiografia.com/augusto\\_anjos/](https://www.ebiografia.com/augusto_anjos/)> Acesso em: 22 mai. 2023.

<sup>187</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.103.

o eu-lírico reencontra seu desconsolo e descobre que a origem de seu mal-estar, o desconhecido, domina-o completamente. Na análise de Daniel Levy Candeias “Sob a forma de “inconsciente”, aquilo que não pode ser apreendido por meio da razão arrebatado e de tal maneira o assombra, que ele sente como se fosse derrubado por uma ventania”.<sup>188</sup>

A concepção obscura de uma modernidade que se contradiz sobre um progresso que prometia um novo mundo com habitação, saúde e liberdade, mas que, na verdade, produz bombas atômicas e intensifica a miséria. A ciência, como projeto da modernidade, não cumpriu com todas as suas promessas, gerando grandes problemas sociais. A demonstração é clara que o paradoxo da modernidade que atinge as camadas sociais vulneráveis é presente na construção da figura atmosférica obscura nos dois primeiros versos da estrofe acima, quando da roupa, pelas brechas, o vento bravo atira flechas no poeta. Pedro de Castro Maria, em seu trabalho *Ciência, Modernidade e Pós-modernidade* (2013), ressalta que:

[...] o questionamento aos benefícios da ciência para a humanidade surge, não só em decorrência do déficit no cumprimento de sua missão histórica a que se propusera, circunscrita na necessidade de edificação de um mundo melhor, mas também porque, em muitos casos, contribui para a degradação do ambiente e de todo um quadro de relações sociais, gerando assim inúmeros conflitos.<sup>189</sup>

No poema é perceptível, também, que o mundo estabelece um diálogo com o poeta e se personifica. As imagens no poema procuram, de modo fragmentário, exprimir esse “recado do Mundo”. Logo, o poeta verifica essa impossibilidade de compreensão do mundo, cuja complexidade transcende o sentimento e a intelectualidade.

[...] Na ascensão barométrica da calma,  
Eu bem sabia, ansiado e contrafeito,  
Que uma população doente do peito  
Tossia sem remédio na minh'alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse  
Golfava, à guisa de ácido resíduo,  
Não era o cuspo só de um indivíduo  
Minado pela tísica precoce.

<sup>188</sup> CANDEIAS, Daniel Levy. **Augusto dos Anjos**: um moderno entre os 'ismos'. (Tese-Doutorado) Programa de Pós Graduação - Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Letras (USP). São Paulo, 2015.

<sup>189</sup> MARIA, Pedro de Castro. *Ciência, modernidade e pós-modernidade*. **Revista Angolana de Sociologia**, 12, 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ras/732>> Acesso em: 21 mai. 2023.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza  
 Era a expectoração pútrida e crassa  
 Dos brônquios pulmonares de uma raça  
 Que violou as leis da Natureza! [...] <sup>190</sup>

Em sua obra *Eu, operário da ruína: as intercessões entre arte, doença e morte em Augusto dos Anjos* (2006), Anne Greice Soares Macedo, num interessante estudo, analisa que “para tentar decifrar o enigma do mundo, o poeta desce ao inferno e se encontra com os tuberculosos e consegue entender a razão por que a natureza cria a luz do cérebro que pensa para depois devorá-la.” <sup>191</sup>

Assim, o retorno à realidade cotidiana avança no decorrer de *As Cismas do Destino* que, após a experiência do poeta, o mundo resignava-se. E como cita Gullar:

É como se a poesia tivesse que descer ao mais sórdido da miséria humana para, aí, iluminá-la. É assim, me parece, que se deve entender a temática macabra de Augusto dos Anjos: como uma descida ao inferno, a uma dimensão terrível da existência humana que o poeta, sem poder ignorar, tenta redimir pela poesia. <sup>192</sup>

E na última estrofe a natureza parece finalmente ter sido dominada pelo homem e pela ciência. No entanto, essa dominação gerou atritos e a humanidade paga com a chaga. Os brônquios pulmonares de uma raça inteira regida pela modernidade e pelo progresso que insiste em instrumentalizar todos os instintos do homem. No primeiro verso da última estrofe, a figura do escarro individual é o ponto de partida do Eu que se amplia para a humanidade. Como o próprio poeta diz, não é um líquido, é uma expectoração pútrida, algo que já o incomodava e precisava ser expulso do organismo - a “tísica” precoce da modernidade.

[...] E a saliva daqueles infelizes  
 Inchava, em minha boca, de tal arte,  
 Que eu, para não cuspir por toda a parte,  
 Ia engolindo, aos poucos, a hemoptísia!

Cuspo, cujas caudais meus beiços regam,  
 Sob a forma de mínimas camândulas,  
 Benditas sejam todas essas glândulas,  
 Que, quotidianamente, te segregam! [...] <sup>193</sup>

<sup>190</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.104.

<sup>191</sup> MACEDO, Anne Greice Soares Ribeiro. **Eu, operário da ruína: as interseções entre arte, doença e morte em Augusto dos Anjos**. Dissertação de Mestrado (Letras). Salvador, UFBA, 2006. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1374](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1374)> Acesso em: 28 de abril de 2011.

<sup>192</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 47.

<sup>193</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.104.

O poeta engole todas as doenças do mundo, metaforizado na saliva dos infelizes descritos no primeiro verso. Pequenas quantidades de sangue misturadas com escarro (ou, quando mais grave, grandes quantidades de sangue vermelho vivo) causado por uma tosse forte. Dessa forma, a maneira como o poeta se posiciona e compara a humanidade ao seu próprio organismo se identifica com o mundo partir de sua ótica de como ele vê e se relaciona com o mundo.

[...] Escarrar de um abismo noutro abismo,  
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,  
Há mais filosofia neste escarro  
Do que em toda a moral do Cristianismo! [...] <sup>194</sup>

Há mais razão do que crença neste escarro no segundo verso da estrofe acima, pois toda moral cai por terra quando se trata de segregação social e degradação.

Na cosmovisão do poeta, há claramente em alguns poemas a construção de um secularismo, outra característica marcante da modernidade, ou seja, a religião que perde espaço para a verdade, para a realidade. Assim, outros meios como a filosofia, na sociedade, são vistos como determinantes para a construção de seus valores. Portanto o que se percebe na estrofe acima é a negação de Deus e a busca incansável para que o homem, sozinho, seja o agente e o reagente. Aquele que tem a condição de, por si só, resolver seus problemas.<sup>195</sup> Diferentemente do que ocorria em sociedades arcaicas, onde a religião ocupava um lugar central, na modernidade o sagrado, ou o religioso, torna-se uma esfera restrita. Em consonância a essa ideologia secularista, para que uma sociedade seja moderna, ela tem que, necessariamente, negar a presença da religião nos espaços públicos e na política. A cosmovisão secularista tem suas raízes no humanismo no iluminismo e parcialmente na filosofia. O liberalismo, o republicanismo, o positivismo e o socialismo são correntes na esteira do secularismo. Desse modo, é possível notar a presença da secularização como um traço, por vezes, marcante na obra de Augusto dos Anjos. É a secularidade marcada pela racionalidade e a ciência.

Concluimos, então, que o poeta é testemunha perplexa e atormentada da grande tragédia. Ele caminha e ouve, nas ruas de Recife, o apelo de todas as criaturas que lhes pedem para falar por eles. Ao mesmo tempo em que, dentro dele, uiva uma mantilha espantada dos instintos, alucinações o perturbam, visões macabras, vozes o atormentam.

<sup>194</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.105.

<sup>195</sup> STELLA, Maria de Lourdes Koerich Belli. **Pós-modernidade e cristianismo**: dois conceitos, duas cosmovisões. Teologia e Espiritualidade, vol. 8, no 16, Curitiba, Dez/2021, p. 41-54.

É o processo interminável da natureza a gerar e destruir o que gerou.

Até aqui, concluímos que se pode rejeitar qualquer aproximação do estilo de Augusto dos Anjos com qualquer daqueles estilos que o antecederam historicamente. Onde está o Simbolismo em *As Cismas do Destino*?

Na segunda parte, o “eu-lírico” continua a tentativa de encontrar explicações para aquilo que a ciência não explica - o incognoscível. O que lhe alimenta a reflexão é a visão da cidade noturna, e do que seus olhos e sua mente capturam: “esqueletos desarticulados”, “divindades malfazejas”, “a camisa vermelha dos incestos”, “o apetite necrófago da mosca”, “almas pigmeias”, ladrões, bêbados, prostitutas. Mas tudo, enfim, acaba com a morte, seja na cidade, seja no “Engenho”:

II  
 [...] Os esqueletos desarticulados,  
 Livres do acre fedor das carnes mortas,  
 Rodopiavam, com as brancas tíbias tortas,  
 Numa dança de números quebrados! [...]

[...] Nessa hora de monólogos sublimes,  
 A companhia dos ladrões da noite,  
 Buscando uma taverna que os acoite,  
 Vai pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os actos mais funestos,  
 E o luar, da cor de um doente de icterícia,  
 Iluminava, a rir, sem pudicícia,  
 A camisa vermelha dos incestos.[...] <sup>196</sup>

Ao analisar o nosso período da Belle Époque, contexto em que o poeta tinha nascido e se criado, o historiador Nicolau Sevcenko, ao retratar o inferno social, afirma que o eixo de toda a ação política foi sentido por autores daquela época, como Graça Aranha e Euclides da Cunha, incluindo Augusto dos Anjos. Certamente, o inchaço urbano e a crise imanente dos rejeitados são imagens que aparecem nas estrofes acima e que mostram o reflexo no processo dialetal da poesia. Nas duas estrofes seguintes, um ponto interessa-nos bordar sobre o percurso do Modernismo: a ruptura do tradicionalismo do romantismo com a contemplação da fragilidade da vida.

[...] Era a revolta trágica dos tipos  
 Ontogênicos mais elementares,  
 Desde os foraminíferos dos mares  
 À grei liliputiana dos pólipos.

Todos os personagens da tragédia,

---

<sup>196</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.106.

Cansados de viver na paz de Buda,  
 Pareciam pedir com a boca muda  
 A ganglionária célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea torra,  
 E as coisas inorgânicas mais nulas  
 Apregoavam encéfalos, medulas  
 Na alegria guerreira da desforra! [...] <sup>197</sup>

Aqui trataremos um modo particular por meio do qual a absorção negativa de Augusto dos Anjos se manifesta: a desumanização. Daniel Levy Candeias (2018) em *Augusto dos Anjos: um moderno entre os ismos*, retoma que diferente do que ocorria na obra de arte e no pensamento clássico, no movimento romântico valorizou-se o individualismo, o gênio do artista como um indivíduo, o que desencadeou o sentimentalismo e o espiritualismo tão característico da poesia dessa vertente. Candeias assim reitera:

Na obra de Augusto dos Anjos, há uma tendência diametralmente oposta a essa, cuja consequência é o esvaziamento dos indivíduos “encéfalos”, inclusive do eu-lírico, retirando-lhes sua humanidade ou subjetividade. Além disso, outro aspecto importante a se considerar é em relação ao evolucionismo que desanda, mostrando que todo progresso o qual a humanidade depositava a sua crença mostra-se infrutífera. Tal tendência de desumanização é responsável pelas constantes referências à animalização e à coisificação que submetem os seres humanos às “coisas inorgânicas mais nulas”, ao qual essa poesia se forma. <sup>198</sup>

As estrofes fazem parte de uma alegoria grotesca e negativa. Nelas estão as mais profundas questões existenciais. Verifica-se nessa parte que, para o autor, esses problemas não são apenas pretextos literários - são problemas vitais, em que a necessidade de resolvê-los conduziu-o a uma experiência poética densa. <sup>199</sup> Os elementos objetivos e subjetivos se misturam durante o processo de composição e na transformação dos conceitos. Os poemas, em sua maioria, começam calmos e depois desenvolvem suas tensões e indagações.

[...] Por que há de haver aqui tantos enterros?  
 Lá no "Engenho" também, a morte é ingrata...  
 Há o malvado carbúnculo que mata  
 A sociedade infante dos bezerras!

<sup>197</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 107.

<sup>198</sup> CANDEIAS, Daniel Levy. **Augusto dos Anjos: um moderno entre os 'ismos'**. (Tese-Doutorado) Programa de Pós Graduação - Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Letras (USP). São Paulo, 2015

<sup>199</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 47.

Quantas moças que o túmulo reclama!  
 E após a podridão de tantas moças,  
 Os porcos esponjando-se nas poças  
 Da virgindade reduzida à lama!

Morte, ponto final da última cena,  
 Forma difusa da matéria imbele,  
 Minha filosofia te repele,  
 Meu raciocínio enorme te condena! [...] <sup>200</sup>

Assim, tudo acaba com a morte, seja na cidade, seja no “Engenho”. Em seu artigo intitulado *Eu e a tísica: Releitura dos sintomas e sinais da tuberculose na poesia de Augusto dos Anjos* (2002), Edar Steffan nos mostra que, na última estrofe:

[...] é possível perceber que o poema nos revela um deslocamento impessoal do poeta diante da morte - um impessoal que sedimenta uma indiferença ante o fim – quando o poeta passa a encarar a morte como única finalidade da sua existência e da tísica modernidade que atormenta a realidade. <sup>201</sup>

Augusto dos Anjos, dessa forma, movimenta o decadentismo, numa insistente fuga dele mesmo. O ser-para-o-fim possui um modo de escape dele mesmo, que desvirtua e compreende impropriamente conforme Heidegger:

O porquê a angústia se angustia não é um modo determinado de ser e uma possibilidade do ser-aí. A ameaça é ela mesma indeterminada, não chegando, portanto, a penetrar como ameaça neste ou naquele poder-ser concreto e de fato. A angústia se angustia pelo próprio ser-no-mundo (...). o mundo não é mais capaz de oferecer alguma coisa nem sequer a co-presença dos outros. A angústia retira, pois, do ser-aí a possibilidade de, na decadência, compreender a si mesmo a partir do mundo e na interpretação pública. <sup>202</sup>

Fato é que sua poética traz com veemência questões humanas para além da técnica, quase num esforço filosófico e pendular de anular a própria técnica, talvez. Antes de Augusto, “quase sempre o poeta ocultou o homem. Talvez por isso mesmo [...] é que na obra do poeta paraibano, o homem exhibe os seus intestinos, sua doença, seu sexo, sua miséria.” <sup>203</sup> O implícito ou gritado na poesia de Augusto é linguagem que traz à tona a existência e o ser no mundo, lançado no mundo, sobre o qual pesa a possibilidade de não ser (ser perante a morte) e que por isso se angustia ao que é vivido.

<sup>200</sup> ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p.109.

<sup>201</sup> STEFFEN, Edgard. *Eu e a tísica: Releitura dos sintomas e sinais da tuberculose na poesia de Augusto dos Anjos*. **Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba**, v. 4, n. 1-2, p. 83-88, 2002.

<sup>202</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2015, p. 187.

<sup>203</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 25.

Aqui, para a parte filosófica do poeta. Em Augusto dos Anjos, “a poesia é um compromisso total com a existência.”<sup>204</sup>

O lirismo de Augusto dos Anjos faz uma crítica ao mundo moderno em que o indivíduo se insere. Através do uso de termos cientificistas, notamos uma crítica amalgamada, referente à supervalorização da técnica e da ciência, evidenciada nesse sentido pelo apodrecimento e decomposição do homem e das relações estabelecidas entre si, assim pontua José Paulo Paes, em seu ensaio *Gregos e Baianos*:

O paradoxo do contemplador schopenhaueriano que, ao anular-se como indivíduo para se dissolver por inteiro na intuição da natureza, está ao mesmo tempo exacerbando a sua individualidade até dar-lhe o tamanho do mundo, ecoa emblematicamente no título do livro, o Eu de letras garrafais da primeira edição.<sup>205</sup>

Observar e refletir sobre realidade é o papel do poeta, melhor, é o papel do artista. Mas o Destino enumera os fatos cotidianos que tornam impossível entender o mundo. Por isso, podemos afirmar que o autor aqui estudado não só enuncia a modernidade, como faz parte dela, levanta a sua bandeira, ao passo que a crítica faz com que o homem domine a natureza indomável e mostra a faceta da construção heterogênea da sociedade que rumo ao progresso em uma espécie de evolucionismo às avessas.

---

<sup>204</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 36.

<sup>205</sup> PAES, José Paulo. Augusto dos Anjos e o art-nouveau. In: \_\_\_\_\_. **Gregos e Baianos**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 31.



## CONCLUSÃO

Fortemente influenciada pela filosofia racionalista ocidental, percutindo as oscilações inovadoras da poesia de Baudelaire, tomada por uma necessidade de conhecimento que não obtinha respostas das ciências, em reflexo de um país em transformação, a poesia de Augusto dos Anjos encontra o espírito de seu tempo, em uma expressão autêntica na poesia brasileira, que desnordeou, por muito tempo, sua recepção crítica. Após o trajeto realizado neste trabalho, torna-se importante reafirmar que ainda falta um olhar mais apurado dos críticos sobre o autor, pois, muito se fala da relação entre ciência e filosofia no *Eu* ou da modernidade de seu autor, porém, o reconhecimento de Augusto dos Anjos como um poeta moderno ainda é muito pouco arriscado.

A poesia de Augusto dos Anjos é uma construção singular de sua época, tanto pela forma, quanto pelo conteúdo. Nem derrotado e nem vencedor, o poeta aceitava os preceitos científicos e, por isso mesmo, sua poética é ainda mais significativa por apresentar a tensão de um caminho que, de forma material e orgânica, negava outros valores da própria humanidade. É essa singularidade que nos permitiu captar a interpretação das grandes discussões do início do séc. XX: ciência, progresso, modernização, raças e o ideal europeu. Todas estas questões que convulsionaram à época tiveram o poeta como seu testemunho.

Observo, no levantamento bibliográfico, que a tendência mais comum da crítica literária a respeito do poeta está em exaltar o seu vocabulário e seu aparente “mau gosto” pelas coisas banais, sem levar em conta que a sua expressão está para além da estética. Por isto, acredito que nossa pesquisa seja relevante, no sentido que considera todos os aspectos da lírica moderna e da historiografia, que sustentam a construção literária do poeta. As escolhas feitas no que diz respeito à estrutura de organização do trabalho conduz a um percurso historiográfico pelo qual o poeta absorveu grande parte das transformações no Brasil. Todos os capítulos aqui organizados e pensados contribuem para um delinear concreto da modernidade que se apresenta através da racionalidade e do discurso científico.

O referencial teórico utilizado tem como ideia principal não apenas mostrar a tentativa infrutífera de classificação de Augusto dos Anjos na crítica, mas de que forma essa tentativa, de maneira proposital ou não, contribuiu para novos encaminhamentos que levariam o autor a um lugar: o da modernidade.

A escolha dos livros que compõem o corpus do trabalho foi regida pelas necessidades de pensar a maneira como os acontecimentos na história do Brasil forneceram a Augusto dos Anjos uma preocupação, em que a literatura passou a ser instrumento de combate e reivindicação. De maneira aprofundada, não foi a minha intenção bifurcar o trabalho de forma a ampliar desproporcionalmente o contexto histórico, fugindo do objeto principal: o poeta. Na realização das análises, busquei, a partir de pressupostos, dar um enfoque diferenciado na tentativa de explicar melhor a realidade na obra de Augusto dos Anjos – seja quando aparece enquanto matéria ou enquanto forma sócio histórica. Augusto dos Anjos era um sujeito não só preocupado com a condição das capitais, mas, acima de tudo, com a sua própria existência naquele contexto. Ele expõe a chaga aberta para uma geração que, por meio da individualização, se descontenta com a trama política e econômica.

De fato, é necessário que se percorra um longo caminho para se reconhecer e compreender a lírica moderna e o poeta moderno. A lírica moderna que se constrói entre sensações e tensões. Concluo, portanto, reafirmando a posição de Gullar em que “o trabalho objetivo do poeta sobre a linguagem visa exprimir a complexidade desse mundo concreto e dinâmico.”<sup>206</sup>

---

<sup>206</sup> GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. “Lírica e sociedade”. Em: BENJAMIN, Walter *et alii*. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p 194.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER. O conceito de iluminismo. In: **Textos Escolhidos**. Col. Os Pensadores. Tradução de Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova cultural, 1996.

AGASSIZ, Louis (1807-73). **A journey in Brazil**. Boston, s.e., 1868, p. 71.

ALMEIDA, Horácio de. **Augusto dos Anjos raízes de sua angústia**. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1962.

ALMEIDA, Horácio de. **Augusto dos Anjos, um tema para debate**. Rio de Janeiro: Apex Gráfica e Editora Ltda, 1970.

ANDERY, Maria Amália. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, São Paulo: Educ, 1988, p. 14.

ANDRADE, Mário de. **Paulicéia Desvairada**. São Paulo: Casa Mayença, 1922.

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AZEVEDO, A. N. (2003). A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**, 10, p.35-63, mai/ago 2003.

BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946, p. 125

BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1922, p. 87.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena: A Obra de Paulo Prado**. Campinas: Editora Papirus, 2000, p. 24.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**. Goiânia: Ano 1, n. 3, pp.94-109, junho/2010.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

BRADBURY, Malcon, “As cidades do modernismo”. In: BRADBURY, Malcon e MCFARLANE, James (Orgs.) **Modernismo: Guia geral (1890-1930)** . São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 77.

BUENO, Alexei. Augusto dos Anjos: origens de uma poética. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 26-27.

CANDEIAS, Daniel Levy. **Augusto dos Anjos: um moderno entre os 'ismos'**. (Tese-Doutorado) Programa de Pós Graduação - Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Letras (USP). São Paulo, 2015.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. 3 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antonio. O poeta itinerante. In: **O discurso e a cidade**. São Paulo, Duas Cidades, 1993, p. 257-278.

- CARPEAUX, Otto Maria. Apresentação. In. ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 220.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 12.
- CARVALHO, Lia de Aquino. **Contribuição ao estudo das habitações populares: Rio de Janeiro (1886-1906)**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1980.
- CARVALHO, Ronald de. **Pequena história da literatura brasileira; prefácio de Medeiros e Albuquerque**. 6 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1937.
- CORNFORTH, M. **Introdução ao método dialético**. Lisboa: Estampa, 1976.
- CUNHA, J. Ricardo. Modernidade, Pós-Modernidade e Emancipação na Perspectiva da Ética da Alteridade. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. Rev. Direito Práx., 2018 9(3), p. 1313–1362, jul. 2018.
- DELANEZE, Taís. **As reformas educacionais de Benjamim Constant (1890-1891) e Francisco Campos (1930-1932): o projeto educacional das elites republicanas**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade federal de São Carlos. Centro de educação e ciências humanas programa de pós-graduação em educação. São Carlos, SP.
- DUARTE NETO, Henrique. **As cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós- Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- FIGUEIREDO, José Maria Pinto de. **A invenção do Expressionismo em Augusto dos Anjos**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012, p. 53.
- FISCHER, Luis Augusto. Augusto dos Anjos: surrealista. **Organon**, Porto Alegre, v. 8, n. 22, 1994, p. 208.
- FOGAL, Alex Alves. **O Eu de Augusto dos Anjos: a ciência, a filosofia e o prosaico como elementos da fatura estética / Alex Alves Fogal**. – 2016.
- FUKUYAMA, Francis; MONTINGELLI, Nivaldo. **Ordem e decadência política: Da revolução industrial à globalização da democracia**. São Paulo: Rocco, 2018.
- FREITAS, Marcus Vinícius de. **Contradições da modernidade: o jornal Aurora Brasileira (1873- 1875)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006, p. 397.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos, decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Record, 2000.
- FRIEDRICH, Hugo. **A estrutura da Lírica Moderna**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978
- GOMES, Adriana. A Escola de Recife e o culturalismo no pensamento jurídico brasileiro no oitocentos. In: XXVIII Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2015, Florianópolis. **Anais Eletônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 1-12.

- GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: ANJOS, Augusto dos. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. 1985. Trad. Luiz S. Repa e R. NASCIMENTO: Der Philosophische Diskurs der Moderne. Martins Fontes, 2000.
- HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e história**. São Paulo Companhia das Letras, 1992, p. 6.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2015, p. 330.
- HAECKEL, Ernst. **O monismo: laço entre a religião e a ciência**. Porto: Livraria Chardon, 1908.
- HELENA, Lúcia. **A Cosmoogonia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- KOSELLECK, Reinhart. **'Espaço de experiência' e 'horizonte de expectativa': duas categorias históricas**. Frankfurt/Main 1979, p. 327.
- LINS, Alvaro. **Augusto dos Anjos: um poeta moderno e vivo**. In: \_\_\_\_\_. Os mortos de sobrecasaca. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p.74-88.
- LOMBROSO, Cesare. **Tratado Antropológico Experimental do Homem Delinquente**. 1876, p.45
- MARIA, Pedro de Castro Maria. Ciência, modernidade e pós-modernidade. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 12, 2013, p. 65-75.
- MEDEIROS, Irani Medeiros. **Cartas e Crônicas de Augusto Dos Anjos**. João Pessoa, Paraíba, Brasil, A União, 2002.
- MENDES, R. T. **Benjamin Constant: esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira**. RJ: Apostolado Positivista do Brasil, nº 120. 1913.
- MERQUIOR, José Guilherme. **A astúcia da mimese: ensaios sobre lírica**. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1972.
- MERRICK, T.; GRAHAM, D. **População e desenvolvimento do Brasil: de 1800 até a atualidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 42.
- MURICI, Andrade. Augusto dos Anjos e o Simbolismo. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.127-133.
- MURICI, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. v. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.
- NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de material escolar, 1974, p. 24.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 108.
- NUNES. Passagem para o poético. **Filosofia e poesia em Heidegger**. São Paulo: Ed. Ática, p. 267.
- OLIVEIRA, Antonio Eunize de. **Jean-Jacques Rousseau: pedagogia da liberdade**. João Pessoa: Ed. UFPB, 1977.
- PAES, José Paulo. Augusto dos Anjos e o art-nouveau. In: \_\_\_\_\_. **Gregos e Baia-**

- nos. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 81-93.
- PAES, José Paulo. **Augusto dos Anjos e o evolucionismo às avessas**. Novos Estudos CEBRAP, n. 33, 1992.
- PAZ, Octavio. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PEREIRA, Inês Domingos Feio. **Estudo da proteína humana centrossomal TBCCD1: determinação de domínios funcionais**. Tese de mestrado em Bioquímica, apresentada à Universidade de Lisboa, através da Faculdade de Ciências, 2011.
- PESSOA, Rodrigo Rizério de Almeida. A concepção trágica da existência em Augusto dos Anjos. **Kairós: Revista Acadêmica da Prainha**. Fortaleza, v. 17, n. 2, 2021, p. 35.
- PORTELLA, Eduardo. Um poeta da confluência. In: MELO FILHO, Murilo (org). **Augusto dos Anjos: a saga de um poeta**. Rio de Janeiro: Ed. Graf. Brasileira, 1994.
- POSSANI, Fábio Valentin. A técnica e a questão da técnica em Heidegger. **Intuitio**. Porto Alegre, v. 3, n. 1, Jun. 2010, p. 20-32.
- RIBEIRO, José de Araújo. **O fim da criação ou a natureza interpretada pelo senso commum**. São. Leopoldo: Typographia Esperança, 1875
- ROMERO. **Filosofia do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969.
- ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia (Org.) **Augusto dos Anjos**. Textos críticos. Brasília: MEC, INL, 1973.
- SABINO, Márcia Peters. **Augusto dos Anjos e a poesia científica**. (Dissertação) Mestrado em Letras - Estudos Literários. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). 2006, p. 8.
- SALES, Cristiano de. **A racionalização de Schopenhauer na poesia de Augusto dos Anjos**. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 1, 2004.
- SANCHEZ, Sebastian M. **História da Educação no Brasil**. Campina Grande. 2007, p. 15.
- SANTOS, Boaventura de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007, 19.
- SANTOS, Lia Machado dos. **A modernidade na lírica de Augusto dos Anjos**. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras. Departamento de Humanidades e Educação. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2013.
- SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade", in \_\_\_\_\_ (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 237.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 48.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 389.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Ivanescia André da. **Desilusões do progresso**: a reforma urbana do Rio de Janeiro na visão dos chargistas. Rio de Janeiro. Reurbanização. Imprensa escrita. Charge, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. Seus Fundamentos Econômicos. São Paulo: Edições Cultura Brasileira S/A, 1979.

SPENCER, Herbert. Progresso. apud ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 462.

STEFFEN, Edgard. Eu e a tísica: Releitura dos sintomas e sinais da tuberculose na poesia de Augusto dos Anjos. **Rev. Faculdades de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 4, n. 1-2, p. 83-88, 2002.

STELLA, Maria de Lourdes Koerich Belli. **Pós-modernidade e cristianismo**: dois conceitos, duas cosmovisões. Teologia e Espiritualidade, vol. 8, no 16, Curitiba, Dez/2021, p. 41-54.

TANNURI, Luis Antonio. **O encilhamento**. São Paulo: Hucitec, 1981, p. 45.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Augusto dos Anjos, uma secular melancolia**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **O positivismo no Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018, p. 43.

TOURAINÉ, Alain 2002: **Crítica da Modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes.

ZUBEN, N. A. A Fenomenologia como Retorno à Ontologia em Martin Heidegger. **Revista Trans/Form/Ação**, 34, 2, p. 89, 2011.

## ARTIGOS CONSULTADOS

ABI-RAMIA, Jeanne. **A Guerra de Canudos**. Multi Rio. Rio de Janeiro, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/artigos/11514-a-guerra-de-canudos>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

MACEDO, Anne Greice Soares Ribeiro. **Eu, operário da ruína: as interseções entre arte, doença e morte em Augusto dos Anjos**. Dissertação de Mestrado (Letras). Salvador, UFBA, 2006. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1374](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1374)>. Acesso em: 28 de abril de 2011.

CASTRO, A. C. V. de. (2016). Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**, 24(3), 99-120.

FRAZÃO, Diva. Augusto dos Anjos. Poeta Brasileiro. **Ebiografia**. <[https://www.ebiografia.com/augusto\\_anjos/](https://www.ebiografia.com/augusto_anjos/)> Acesso em: 22 mai. 2023.

MAECEDO, Stephanie. **Brasil comemora 133 anos da Proclamação da República**. Agência de Notícias Alese. Sergipe, 15 nov. 2022. Disponível em: <<https://al.se.leg.br/brasil-comemora-133-anos-da-proclamacao-da-republica>> Acesso em: 08 de maio de 2023.

MARIA, Pedro de Castro. Ciência, modernidade e pós-modernidade. **Revista Angolana de Sociologia**, 12, 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ras/732>> Acesso em: 21 mai. 2023.

MOTTA, Marly. O Bota-Abaixo. In: **Atlas histórico do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2016. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/verbetes/pereira-passos>> Acesso

em: 20 mar. 2023.

SANTOS, Dorival dos. Lírica e cismos sociais na poesia de Augusto dos Anjos. **XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética**. UFPR – Curitiba, Brasil, 2011. Disponível em:<[https://abralic.org.br/eventos/cong2011/Anais Online/resumos/TC0117-1.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0117-1.pdf)> Acesso em: 20 mai 2023.

VILLAR, Leandro. **Os cinocéfalos: a lenda dos homens-cachorros**. Blog Seguindo os Passos da História. 17 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://seguidopassoshistoria.blogspot.com/2021/01/os-cinocefalos-lenda-dos-homens.html>>. Acesso em: 20 mai. 2023.